



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO AMBIENTAL**

PATRÍCIA MARIA TRAVASSOS DE ARRUDA

**A ARTE COMO INSTRUMENTO POTENCIALIZADOR DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA, RECIFE-PE**

Recife, 2015

PATRÍCIA MARIA TRAVASSOS DE ARRUDA

**A ARTE COMO INSTRUMENTO POTENCIALIZADOR DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA, RECIFE-PE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Núbia de Araújo Frutuoso
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Rejane de Moraes Rêgo
Co-Orientadora

Recife, 2015

A773

Arruda, Patrícia Maria Travassos de.

A arte como instrumento potencializador de educação ambiental no mercado público de Casa Amarela, Recife - PE / Patrícia Maria Travassos de Arruda. – Recife, PE: O autor, 2015.

96 f.: il., color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Núbia Medeiros de Araújo Frutuoso.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - IFPE, Campus Recife, Coordenação de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Gestão Ambiental, 2015.

Inclui referências.

1. Gestão Ambiental 2. Resíduos Sólidos. 3. Política Ambiental. 4. Arte-Educação. I. Frutuoso, Maria Núbia Medeiros de Araújo (Orientadora). II. Título.

363.70071

CDD

PATRÍCIA MARIA TRAVASSOS DE ARRUDA

**A ARTE COMO INSTRUMENTO POTENCIALIZADOR DE EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA, RECIFE-PE**

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Ambiental do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco como parte integrante dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão Ambiental.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Maria Núbia de Araújo Frutuoso
Orientadora - IFPE

Prof. Dr.^a Doriele Andrade Durvernoy
Examinador Externo - UPE

Prof. Dr. Marcos Moraes Valença
Examinador Externo - IFPE

Prof. Dr. Sofia Suely Ferreira Brandão Rodrigues
Examinador interno - IFPE

Dedico esta dissertação aos antigos e contemporâneos mestres populares, artistas e mercadores, sujeitos que espalharam a arte, a cultura e a beleza pernambucanas pelo mundo, sem os quais seria impossível o desenvolvimento da pesquisa que originou o texto a seguir. Dedico este trabalho, sobretudo, àqueles que me oportunizaram notar um mundo mais colorido e diverso: meu pai, minha mãe, vovó Adália, vovô Sr. Jeny, tia Leta, tia Teca, tia Socorro tio Corderio, tio Lopes e tio Tonho.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, por toda a Arte presente na Natureza, pela minha existência e resiliência.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, por abrir as portas para a pesquisa científica.

Aos professores do Mestrado Profissional em Gestão Ambiental, pelo apoio, pela oportunidade de aprendizagens teóricas e humanas.

À Professora Dra. Maria Núbia de Araújo Frutuoso, pelas orientações na construção deste trabalho.

À Professora Dra. Rejane de Moraes Rêgo, pela disposição e orientações de todas as horas.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar para Sustentabilidade de Mercados Públicos da Região Metropolitana do Recife – PE (GPISMP-PE), pelo compartilhamento de leituras e experiências, pelas contribuições acadêmicas.

Aos meus alunos, colegas e funcionários do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, pelas aprendizagens, em trocas diárias, e oportunidade de caminharmos de mãos dadas.

Aos meus colegas e funcionários do Curso Tecnológico em Design Gráfico, pelo apoio e incentivo quando tudo parecia impossível.

À Prefeitura do Recife, pelo apoio e, sobretudo, pelo compartilhamento de informações acerca da história dos Mercados Municipais do Recife.

Aos Gestores e permissionários do Mercado Público da Casa Amarela - Anexo II, pela disponibilidade e atenção.

À minha família, meu porto seguro. Aos meus pais, Dona Ana Amélia e Seu Biu (*in memoriam*), pelo apoio de uma vida inteira. Aos meus irmãos, pelas energias positivas e pelo carinho sempre. Ao meu filho, Antonio Nolasco, pelo incentivo e pela compreensão diante das minhas ausências, em decorrência da dedicação que a minha produção acadêmica exigiu. Ao meu marido, pelo apoio, mesmo à distância.

Aos meus amigos e às minhas amigas, por compreenderem e respeitarem os meus afastamentos e silêncios, sobretudo, devido à minha necessidade de estar dedicada à dissertação.

Aos mestres populares, artistas e mercadores, cujos trabalhos sempre me fascinaram, por espalhar a beleza pelo mundo afora, transformando-o em um lugar melhor de se viver.

Muito obrigada!

“A Arte não pode mudar o mundo, mas pode, sim, criar outro mundo. Por outro lado, um conjunto de artistas pode fazer parte do esforço, associando-se a outros projetos, para tentar transformar a realidade social.”

(Miguel Chaia)

RESUMO

Este trabalho teve como finalidade analisar as potencializações da arte-educação no desenvolvimento de ações educativas no Mercado Público de Casa Amarela, tendo como fundamentos os pressupostos da educação ambiental, da Arte Armorial e principalmente os temas relacionados aos resíduos sólidos. Como proposta metodológica, utilizou-se a “Abordagem Triangular” com base nos 5R’s, lançando mão de Oficinas, questionários e entrevistas semi estruturadas como instrumento pedagógico. Tratou-se de uma pesquisa-ação trabalhando os aspectos da educação ambiental e o programa do 5R’s. Durante as oficinas os sujeitos foram orientados para a criação de impressões “isográficas” em capas de folheto de Cordel sobre a política dos 5R’s visando propostas alternativas no intuito de consolidar os conhecimentos ambientais já trabalhados, através de exposição oral, com auxílio de *banner’s* temáticos. Na entrevista, foram abordados os sujeitos sobre sua participação na oficina e sobre os conhecimentos específicos dos temas e constataram que as imagens da estética Armorial encontram-se enraizadas na cultura nordestina representada por meio dos símbolos da capa dos cordéis. A utilização de abordagens de arte-educação e meio ambiente realizadas como proposta de Educação Ambiental promoveu o interesse de gestores, funcionários, permissionários, usuários e bolsistas no mercado público, os quais demonstram o potencial desse instrumento para educação ambiental.

Palavras-chave: Arte-Educação-Ambiental. Resíduos sólidos. Política Ambiental dos 5R’s. Abordagem Triangular. Movimento Armorial.

ABSTRACT

This master's work aimed at analysing the potentialization in Art Education in the development of educational activities in the Public Market in Casa Amarela, in the city of Recife, Northeast Region of Brazil. Its theoretical foundations are based on Environmental Education on Armorial Art and especially on the issues related to solid waste. As a methodological approach, it was used the "Triangular Approach" based on the 5R's, making use of the "Interactive Window" as educational tool. This work was considered a study case which involves interdisciplinary workshops in order to work aspects of environmental education, 5R's program; Armorial Art and a semi-structured questionnaire for the market actors' social environmental diagnostics. In the workshops the subjects were conducted to create isographic impressions, which is a handmade technique in cordel leaflet covers according to the 5R's policy aiming alternative proposals to consolidate the environmental knowledge already worked through oral exposure and thematic banners on the Armorial aesthetic and 5 R's. During the interviews the subjects were asked about their participation in the workshops and specific knowledge about the current themes. These subjects found that Armorial aesthetic images are rooted in northeastern culture in Brazil by those symbols represented in Cordel leaflets' covers. The use of Environmental and Art Education Approach to promote Environmental Education contributed to call the attention of the managers, employees, licensees, trainees at the Public Market. It also reinforces the powerful tool that Environmental Education means to public markets.

Keywords: Non-formal education. Art education and Environment. Solid waste. 5 R's Environmental policy. Triangular Approach. Armorial Movement.

RESUMEN

Este trabajo de maestría tiene como finalidad analizar las potencialidades del arte-educación, observando la secuencia de las actividades educativas llevadas a cabo en el recinto del Mercado Público de Casa Amarela. En este trabajo consideramos como fundamental contar con los principios propios de la educación Ambiental, el movimiento cultural popular, erudito y autóctono del Nordeste de Brasil llamado 'Arte Armorial', y, principalmente los temas relacionados con los residuos sólidos. Como propuesta metodológica utilizamos el “Abordaje Triangular” con base en los 5R’s, utilizando la “Ventana Interactiva” como instrumento pedagógico. Se trata de un estudio de Caso con proposición de talleres interdisciplinarios trabajando algunos aspectos de la educación ambiental, programa 5R’s; Arte Armorial y un cuestionario semi-estructurado para diagnósticos socio-ambientales de los actores del mercado. En los talleres se mediaron los sujetos para la creación de impresiones “isográficas” en portadas de folletos de Cordel sobre la política de los 5R’s visando propuestas alternativas para consolidar los conocimientos ambientales ya trabajados a través de la expresión oral, auxiliados por pancarta temáticos, sobre la estética Armorial y 5R’s. En la entrevista queríamos saber de los sujetos cuál fue su participación en los talleres y sobre los conocimientos específicos de los temas trabajados. En la entrevista, los sujetos se acercaron sobre su participación en el taller y en el conocimiento específico de los sujetos y encontraron que las imágenes estéticas Armorial tienen sus raíces en la cultura del noreste representados en símbolos de la cubierta de la guita. El uso de la educación artística y enfoques ambientales emprendidas como propone Educación Ambiental promovió los intereses de los gerentes, empleados, concesionarios, socios y compañeros en el mercado público, que demuestran el potencial de esta herramienta para la educación ambiental.

Palabras clave: Educación Arte y ambientales. Los residuos sólidos. La política ambiental del 5 R. Enfoque triangular. Movimiento Armorial

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1. Imagem da fachada do Mercado Público de São José, Recife - PE.	25
Figura 2. Imagem da fachada do Mercado Público da Boa Vista, Recife - PE.	26
Figura 3. Imagem da fachada do Mercado Público da Encruzilhada, Recife - PE.	27
Figura 4. Imagem da fachada do Mercado Público da Madalena, Recife - PE.	27
Figura 5. Anexo do Mercado da Madalena Feira dos Passarinhos	28
Figura 6 - Imagem da fachada (A) e da parte posterior (B) do Mercado Público de Casa Amarela, Recife – PE.	29
Figura 7. Praça de Alimentação do Mercado da Encruzilhada, Recife - PE.	30
Figura 8. Regiões Político-Administrativas da cidade do Recife - PE.	42
Figura 9. Mercado de Casa Amarela, retratando a área interna (A) e a lateral externa (B).	43
Figura 10. Fachada do Anexo II do Mercado de Casa Amarela, Recife - PE.	44
Figura 11. Mapa dos boxes do Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.	45
Figura 12 Sequência metodológica para a implementação das oficinas de arte-educação-ambiental no Anexo II do Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.	47
Figura 13. Imagem do banner elaborado abordando a Política dos 5 R's.	48
Figura 14. <i>Banner</i> criado em comemoração aos 6 anos do IFPE.	50
Figura 15. Cartaz/ Convite da Oficina de Arte Ambiental (Resíduos Sólidos) realizada no Mercado de Casa Amarela, Recife - PE.	52
Figura 16. Espaço das oficinas no Anexo II do Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.	53
Figura 17. 1º Oficina no Mercado de Casa Amarela, anexo II.	54
Figura 18. Cartaz elaborado para divulgação da oficina piloto, realizada no IFPE <i>Campus</i> Recife	71
Figura 19. Imagens (A) e (B) Impressão por meio da isografia, Oficina Piloto realizada no IFPE <i>Campus</i> Recife, junho/ 2015.	75
Figura 20. Imagem da <i>Janela Interativa</i> .	76
Figura 21. Imagens (A) e (B) retratam o momento da Oficina Piloto, realizada	77

no Hall do IFPE *Campus* Recife.

- Figura 22. Isografia elaborada pelo permissionário 1 do mercado de Casa Amarela, Recife – PE. 79
- Figura 23. Isografia (A) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte realizada no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela 81
- Figura 24. Isografia (B) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela. 81
- Figura 25. Isografia (C) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela. 81
- Figura 26. Isografia (D) elaborada pelos permissionários no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela. 81
- Figura 27. Isografia (E) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte realizada no dia 12 de junho de 2015, no Anexo II do mercado de Casa Amarela. 82
- Figura 28. Isografia (F) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte realizada no dia 02 de julho de 2015, no Anexo II do mercado de Casa Amarela. 82
- Figura 29. Isografia (G) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte realizada no dia 02 de julho de 2015, no Anexo II do mercado de Casa Amarela. 82

LISTA DE QUADROS

	Pág.
Quadro 1. Caracterização dos mercados públicos e suas manifestações artísticas na Região Metropolitana de Recife – PE, 2014.	31
Quadro 2. Caracterização dos segmentos de comercialização identificados no Anexo I do mercado público de Casa Amarela, junho/ 2015.	69
Quadro 3. Descrição metodológica das etapas para realização das oficinas de arte-educação-ambiental no Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.	70

LISTA DE GRÁFICOS

	Pág.
Gráfico 1. Distribuição por faixa etária dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife - PE.	62
Gráfico 2. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela Recife – PE distribuídos por nível de escolaridade.	63
Gráfico 3. Percentual de permissionários do mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, interessados sobre o meio ambiente.	64
Gráfico 4. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por número de familiares que trabalham no mesmo box.	64
Gráfico 5. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por tempo de trabalho no box.	65
Gráfico 6. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por dependência ao mercado como única fonte de renda.	66
Gráfico 7. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por costumes diários quanto as sobras de resíduos que comercializa em seu box.	67
Gráfico 8. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife - PE, que praticam arte.	68
Gráfico 9. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por interesse em participar de oficinas de arte-ambiental	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMMAD	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas
CSURB	Companhia de Serviços Urbanos
EA	Educação Ambiental
ECO 92	Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento
GPISMP-PE	Grupo de Pesquisa Interdisciplinar para Sustentabilidade de Mercados Públicos da Região Metropolitana do Recife-PE
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MEC	Ministério da Educação
ONG's	Organizações Não Governamentais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCR	Prefeitura da Cidade do Recife
PET	Politereftalato de Etileno
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
RMR	Região Metropolitana do Recife
RPA	Regiões Político-Administrativa
SEMOC	Secretaria de Mobilidade e Controle Urbano do Recife
SGA	Sistema de Gerenciamento Ambiental
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

	Pág	
1	INTRODUÇÃO	17
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	22
2.1	Um olhar sobre os mercados públicos: abrindo os portões para compreender suas características	22
2.1.1	Um passeio nos mercados públicos recifenses: breve panorama artístico-cultural	24
2.1.2	Sabores e dissabores dos mercados: preservando sua importância e tradições	29
2.2.	Educação Ambiental e Educação Não Formal: caminhos que se cruzam	33
2.2.1	Educação Ambiental em Mercados Públicos	40
3	METODOLOGIA – Construindo um caminho para o mercado	42
3.1	Caracterizações da área do Mercado Público de Casa Amarela	42
3.2	Procedimentos metodológicos: trancando e vivenciando os caminhos	45
3.3	Elaboração das Oficinas	46
3.3.1	Elaboração dos materiais das Oficinas	51
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES - Abrindo as Janelas do mercado para a Educação Ambiental	62
4.1	Análise dos questionários	62
4.2	Análise das Oficinas	70
4.2.1	Oficina Piloto	72
4.2.2	Oficinas: “Abra o portão do Mercado que a arte é sua”	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICE A – Questionário de pesquisa com os permissionários do Mercado Público de Casa Amarela	92
	APÊNDICE B – Questionário de pesquisa com os usuários do Mercado Público de Casa Amarela	93

APÊNDICE C – Ata de presença da 1ª oficina “Abra o portão que a Arte é sua” no Mercado Público de Casa Amarela Anexo II	94
APÊNDICE D – Ata de presença da 2ª Oficina “Abra o portão que a Arte é sua” no Mercado Público de Casa Amarela Anexo II	95
APÊNDICE E – Carta de Apresentação para a pesquisa atuar no Mercado Público de Casa Amarela - Anexo II, bem como solicitação para realizar a Oficina: “Abra o portão que a Arte é sua”	96
APÊNDICE F – Diagrama da pesquisa	97

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa de desenvolver uma pesquisa na área de gestão ambiental surgiu a partir da participação em projetos e ações do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar para sustentabilidade em Mercados Públicos da Região Metropolitana do Recife - GPISMPE-PE o qual desenvolveu ações de Ensino-Pesquisa-Extensão nas áreas de Meio Ambiente, Saúde e Segurança no Trabalho e Administração. Em 2011 no âmbito do “Projeto Interdisciplinar do Mercado Público das Mangueiras, em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco” foram realizadas “Oficinas de Arte Educação” das quais buscaram fortalecer o diálogo entre as áreas de conhecimentos, no sentido de sensibilizar os feirantes para a adoção de hábitos mais sustentáveis frente aos problemas ambientais identificados no mercado.

Nestas oficinas, dentre várias ações e experimentações educativas, escolheram-se as vivências artísticas contextualizadas no mercado. Nessa ocasião, apoiando-se nos três paradigmas propostos por Mir (2009), que considerou que: (a) a aprendizagem costuma ser experimental, através de práticas que favorecem as interpretações e a criação pessoal; (b) a arte funciona como instrumento motivador de experiências significativas; e (c) a arte também funciona como instrumento questionador do mundo e da vida.

A partir dessa experiência no Mercado das Mangueiras, observou-se que um dos principais problemas ambientais existentes nestes espaços são a geração e destinação inadequada de resíduos sólidos. Sendo que a seleção dos resíduos orgânicos e não orgânicos também apresenta um importante desafio para a redução dos mesmos. A coleta seletiva não vem sendo cumprida adequadamente, comprometendo a questão de higiene e saúde ambiental.

Um dos maiores desafios nas cidades hoje é o que fazer com o lixo urbano, colocando uma questão para a população refletir: o que fazer especificamente com os resíduos, sejam embalagens, descarte de objetos ou restos de materiais não consumidos?

Enquanto a lei não está realmente implementada, a exemplo da Lei nº 12.305, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos - PNRS, (BRASIL, 2010), urge sensibilizar a população, por meio da educação ambiental, para adotar ações que venham contribuir para mitigar os efeitos da má gestão dos resíduos sólidos. Especificamente, em mercados públicos, o lixo também é uma das maiores problemáticas, desde o gerenciamento do recolhimento diário, uso indevido de seus espaços para descartes e, principalmente, uma preocupação com educação e saúde dos partícipes desse local público, como permissionários e usuários.

Tanto na Arte como na Educação, a expressão “resíduos sólidos” pode ser

compreendida como produtos ambientais dados à reutilização, à reciclagem e à redução de insumos. A política dos 5R's – Recusar, Repensar, Reduzir, Reutilizar e Reciclar – (MMA, 2009) facilita a compreensão das pessoas, direcionando-as para uma educação ambiental sustentável, visto que o agente gerador de resíduos é o próprio consumidor motivado pelos padrões de consumo. De uma maneira geral, Calderone (1998) ressalta que esse tipo de resíduo pode ter valor para um terceiro, visto que todo o conteúdo da embalagem, outrora consumido, está terminado, e a relação produto/consumidor, aparentemente encerrada, pode vir a abranger uma nova proposta para outro consumidor.

Tendo em vista esta problemática, considera-se que o resíduo tem um valor agregado e poderá ser transformado em um objeto utilitário ou em artesanato, o qual está tão presente no cotidiano do mercado público. Desta forma, o reaproveitamento dos resíduos torna-se uma opção de ordem social diferenciada e valoriza o ambiente de forma saudável (AMORIM, 2010).

Atualmente, a visão de desenvolvimento não somente envolve o meio ambiente natural, mas, também, inclui os aspectos socioculturais numa posição de destaque, revelando que a qualidade de vida dos seres humanos passa a ser condição para o desenvolvimento e a proteção do meio ambiente, sendo um dos desafios de nossa geração (DIAS, 2009). Portanto, os estudos nos mercados públicos podem oferecer à população envolvida a oportunidade de melhorar a qualidade de vida, por meio de práticas entre as áreas das Artes e da Educação Ambiental.

Nesse contexto, o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar para Sustentabilidade de Mercados Públicos da Região Metropolitana do Recife-PE (GPISMP-PE) expandiu o trabalho para outros mercados na Região Metropolitana do Recife (RMR). Como desdobramento e contribuição a esse trabalho, nasceram os questionamentos que resultaram na presente pesquisa de mestrado, ou seja: Como os atores desse tipo de espaço se relacionam com o meio ambiente, especialmente com os resíduos sólidos que sua atividade produz? Como a arte-educação pode se constituir em um instrumento de conscientização ou sensibilização para o problema ambiental em mercados públicos? Como utilizar a “Abordagem Triangular” em dinâmicas de arte-educação para a educação ambiental?

Amparando-se nos procedimentos metodológicos de uma pesquisa-ação, foram idealizadas oficinas de arte-educação com vistas a sensibilizar os sujeitos e a coletividade do mercado, para a construção coletiva de habilidades, atitudes e valores sociais que os levem a conservar o meio ambiente como um bem público, unindo, assim, conhecimentos teóricos e empíricos próprios deste ambiente. Em paralelo, a investigação apoiou-se, também, nos princípios da Educação Ambiental (EA) como processo de educação política, que busca formar cidadãos, tanto para que a cidadania seja exercida, quanto para uma ação transformadora, a fim de melhorar a qualidade de vida da coletividade, entendendo que quando a realidade local é transformada, transforma-se, também, o seu entorno (PELICIONI, 2004).

Neste sentido, nas oficinas buscou-se mediar os sujeitos para a criação de artefatos a partir de resíduos sólidos gerados localmente, com adoção de ações ecologicamente corretas, caracterizando-se como uma prática pedagógica social, criativa, sensível e humana. Acredita-se que a realização das oficinas no mercado possibilita vivenciar, na prática, a teoria do educador Paulo Freire, quando este enfatiza que “cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem de seu trabalho, por estabelecer relações de diálogo com outros homens” (FREIRE, 1980, p. 38).

A perspectiva lúdica também contribuiu para construção da pesquisa-ação, visto que, para Fernandes (2006, p. 37), “a ludicidade está ligada às dimensões do prazer, da intencionalidade da criatividade, do sonho, da magia, da sensibilidade, do imaginário”. Para o autor, práticas e vivências lúdicas deixam que as pessoas olhem além da realidade e desenvolvam suas potencialidades. É possível afirmar que a ludicidade promove o conceito de interatividade, ou seja, permite uma influência recíproca entre os indivíduos e a ação ou objetos que são construídos.

Portanto, uma das principais contribuições do presente estudo reside na construção de estratégias de arte-educação para interação entre permissionários e usuários e frequentadores de mercado público, buscando sensibilizá-los no sentido de mitigar os impactos ambientais negativos nesse tipo de espaços.

Visando responder a essas questões a pesquisa teve como objetivo geral analisar como a arte-educação pode se constituir em um instrumento de conscientização ambiental em mercados públicos. Como objetivos específicos buscaram-se: Identificar os tipos de resíduos sólidos gerados em mercados públicos, especialmente o mercado objeto de estudo. Desenvolver uma proposta de arte-educação integrada à educação ambiental em mercados públicos por meio de reaproveitamento de resíduos sólidos gerados nestes espaços.

Elaborar e realizar oficinas de arte-educação com temas ambientais, utilizando como referência metodológica a Abordagem Triangular. Avaliar a propriedade da utilização da Abordagem Triangular como base nas ações de arte-educação aplicadas a mercados, utilizando a “Janela Interativa¹” como instrumento de aprendizagem.

Os caminhos percorridos e os resultados da pesquisa estão apresentados nessa dissertação em cinco seções, estruturadas da seguinte maneira:

A primeira, seção trata da Introdução e é esta aqui delineada, na qual foram elucidados: o interesse da pesquisadora pelo objeto pesquisado, a questão norteadora da pesquisa; a justificativa; os objetivos (geral e específicos). Para a consecução dos objetivos propostos foi realizada revisão bibliográfica, com o intuito de buscar embasamento teórico e fundamentação metodológica, conhecendo as abordagens e premissas da arte e da educação, de forma a relacionar essas categorias de estudo às questões ambientais que sustentam a pesquisa; e, por fim, a estrutura do texto dissertativo.

A segunda seção trata da Revisão bibliográfica - “Um olhar sobre os mercados públicos: abrindo os portões para compreender suas dinâmicas” onde se busca apresentar e discutir os aspectos da história e da cultura dos mercados públicos, destacando-se a sua importância econômica e a necessidade da sua preservação enquanto patrimônio público, e, ainda, apontando a localização, a data de fundação, a área, o número de boxes, os produtos negociados e as atividades artísticas e nos principais mercados públicos da Região Metropolitana de Recife-PE, a saber: São José; Boa Vista; Madalena; Encruzilhada; Casa Amarela. Todos apresentados em um quadro que sintetiza as suas caracterizações incluindo a presença de manifestações artísticas. Concluindo esta seção, delineia-se a presença da gastronomia por meio do cardápio de comidas regionais como também a cultura e suas tradições sendo preservadas em seus festejos. Finaliza-se com uma retrospectiva anunciando a educação ambiental em Mercados públicos acerca da “Educação ambiental e Educação não formal: caminhos que se cruzam”, aborda os princípios teórico-metodológicos. Nas subseções, relacionam-se conceitos fundamentais a esta pesquisa, definindo e diferenciando: educação formal; educação não formal; educação ambiental; interdisciplinaridade na educação ambiental; arte; arte educação.

A terceira Seção – Metodologia: “Construindo um caminho para o mercado” descrevem-se os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados. Na seção dialogam-se sobre a pesquisa-ação, qualitativa e etnográfica, apontando os caminhos procedimentais

¹ A Janela Interativa é um recurso pedagógico para educação ambiental interdisciplinar em mercados públicos, criado pelo GPISMP-PE, que será melhor descrito no – Procedimentos Metodológicos.

traçados e vivenciados no percurso da pesquisa, sobretudo, a “Abordagem Triangular” mostrando todo acervo de obras e materiais e técnicas utilizados, o campo de pesquisa e mapa.

A quarta seção – Resultados e discussões: “Abrindo Janelas”. Inicia-se com descrição da Oficina Piloto e a “Janela Interativa”. Depois se descrevem os processos e as experiências vivenciadas nas Oficinas da pesquisa-ação, que permitiram, por meio das Abordagens: Ambiental e Triangular, a transformação dos resíduos sólidos em Folheto de Cordel como a partir da arte-educação Ambiental nos Mercados públicos de Casa Amarela. A descrição dos questionários, por meio de gráficos, os diagnósticos e entrevistas realizam-se de maneira paralela, visto o entrelaçamento de metodologias utilizadas.

Nas Considerações Finais, pontuam-se algumas questões acerca das vivências procedentes da proposta de arte-educação integrada à educação ambiental para a conscientização ambiental em mercados públicos, reiteram-se os objetivos e achados da pesquisa, abrindo espaço para que surjam novos caminhos relativos à temática discutida. Por fim, enumeram-se as referências, evidenciando todo o embasamento teórico acionado para a fundamentação da pesquisa esclarecendo as escolhas da autora.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Um olhar sobre os mercados públicos: abrindo os portões para compreender suas características

A educação ambiental, hoje, segue alguns princípios do documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 1980, o qual preconiza, nas suas discussões, que EA deve se estender durante toda a educação formal ou não formal. Assim, nesta pesquisa, buscou-se articular os aspectos ambientais à arte-educação, por meio da reutilização de resíduos sólidos em mercados públicos, concordando-se com Amorim (2010, p. 115), quando afirma:

Dentre as diversas temáticas que devem ser exploradas para a ação educativa da arte [...], uma que é prioritária, é a Arte-Educação Ambiental. Esta possui inúmeras possibilidades de abordagem, e pode ser trabalhada nos diversos níveis educacionais. Por ter uma abordagem interdisciplinar, a Educação Ambiental vista no âmbito da Educação Artística tem como importante fonte de pesquisa a relação arte e meio ambiente.

Dessa forma, a presença das artes nos mercados públicos, os quais foram projetados para fins comerciais, pode se tornar um instrumento sensibilizador para a educação ambiental, levando-se em consideração toda a problemática do lixo nele produzido, do uso indevido de seus espaços para descarte, e do planejamento de recolhimento diário e acondicionamento.

Para definir o que é mercado público, Ferreira (1969) oferece várias definições aos verbetes “mercados” e “público”, das quais se pode chegar à percepção dos pontos e das pontes comuns a esses dois termos, como também à união entre as duas palavras, não somente do ponto de vista vocabular, mas em um sentido mais amplo. Assim têm-se os significados:

MERCADO, *s.m.* Lugar de venda de gêneros alimentícios e outros; povoação em que há grande movimento comercial; centro de comércio; o comércio (FERREIRA, 1969, p. 797).

PÚBLICO. *Adj.* relativo ao que pertence a um povo ou ao povo, que serve ao uso de todos; comum. (FERREIRA, 1969, p. 994).

Sob essa ótica, os mercados públicos são centros de abastecimento popular e de lazer, têm lugar na vida dos cidadãos, se constituindo em local com estrutura física adequadamente planejada.

Para Leal (2012), o mercado é um lugar onde os indivíduos se encontram e produzem seus significados e trocas simbólicas. Canclini (1983, apud LEAL, 2012) ressaltam que os mercados públicos privilegiam as relações interpessoais, uma vez que a comunicação abrange

a vida familiar, religiosa e política de seus vendedores e consumidores.

Para Pintaudi (2006, p. 81),

os mercados públicos constituem-se em uma das primeiras formas que marcam a separação homem/ natureza, ou seja, do momento em que o homem deixa de produzir sua própria existência, anunciando outros ritmos para o tempo/espaço social, através da troca de produtos.

O mercado, como equipamento público, é um espaço acolhedor e de abundância de alimentos, fértil em relacionamentos, congregando a todos. Também pode ser considerado como local de troca de experiências e, muitas vezes, possibilitam uma ponte entre o produtor e consumidor por meio do comerciante. A comercialização dos produtos nos mercados públicos, e toda a logística que esse processo envolve, exige preparação específica as quais, em geral, os estabelecimentos não conseguem atender, muito menos dentro de princípios sustentáveis.

Comerciantes e fornecedores passam grande parte de seu tempo nos seus postos de trabalho. Assim, todo o ambiente que envolve suas atividades deve ser adequado para fazer do espaço um local limpo, aprazível e eficaz em suas finalidades, como também um local público em que todos os frequentadores sejam igualmente tratados, sem distinção de camada social, *status* e recursos econômicos.

Sem perder sua principal vocação que é o comércio, Pintaudi (2006) afirma que o mercado público é considerado uma forma de intercâmbio de produtos, encontrados em cidades desde a antiguidade, e sua continuidade se deve ao fato deste poder dialogar com outras formas comerciais mais modernas. O espaço do mercado público conseguiu continuar a ser o mesmo, ainda que passando por algumas mudanças sociais e descaracterizações arquitetônicas.

De acordo com Alves Filho (2011), o mercado possui capacidade em se adaptar a diversas realidades sociais do espaço urbano. Deste modo, as economias geradas em torno de seus produtos podem mudar, mas não muda a relação entre consumidor e comerciante.

Os mercados públicos, em geral, surgiram depois das feiras, como forma de oferecer produtos, quase todos diariamente, já que as feiras aconteciam em dias próprios. Segundo Pintaudi (2006), muitos mercados públicos tiveram sua origem nas feiras realizadas no mesmo local e, com o decorrer do tempo, materializaram-se em construções porque a reprodução da vida na cidade e/ou região necessitava de um contínuo suprimento de víveres.

Sobre esse espaço público Cartaxo (2009) declara que:

as poéticas da arte nos espaços públicos permeiam, além das questões físicas e culturais da cidade, outras fundadas numa dimensão filosófica, em que a categoria estética do sublime ressurge no contexto contemporâneo, frente à fragilidade humana às catástrofes naturais, às transformações climáticas, à violência urbana, às epidemias, etc. A cidade com sua dinâmica se converte num reflexo do mundo e o artista, atento a isto, utiliza-a como meio de reflexão das relações entre o sujeito e a realidade.

Cada espaço possui peculiaridade representativa identitária que retrata sua cultura, sua história, seu modo de viver e de agir. O espaço físico só, não é quem faz o ambiente, mas as pessoas que o transitam carregadas de histórias e necessidades. A presença da arte faz com que os espaços se transformem podendo torná-los em espaços que provoquem sensações agradáveis. O olhar sensível do artista traduz as inquietações dos sujeitos por meios de linguagens artísticas as quais perpassam o caminho das necessidades humanas e as traduz em um produto possivelmente estético e visivelmente agradável.

2.1.1 Um passeio nos mercados públicos recifenses: breve panorama artístico-cultural

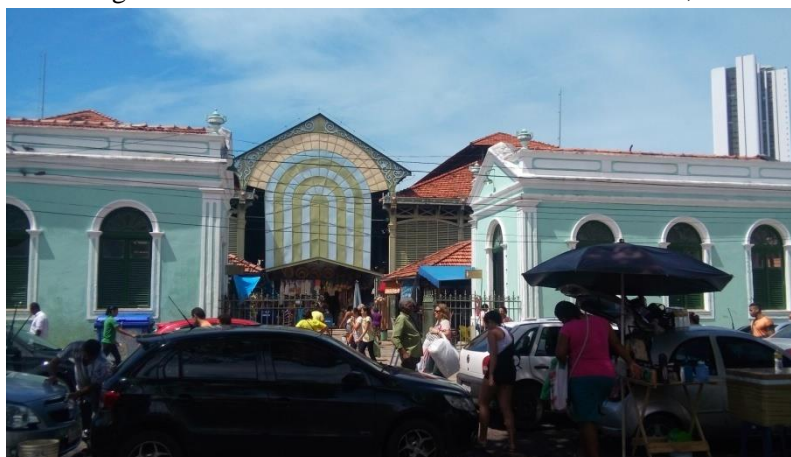
Seguindo a tradição, em Pernambuco também é comum acontecerem feiras nos municípios em dias marcados. Na Região Metropolitana do Recife quase todas as feiras, aos poucos, deram lugar a um mercado público, sendo os de maior visibilidade: o Mercado de São José (o primeiro edifício pré-fabricado do Brasil), Mercado da Boa Vista (que teve seu início em 2 de dezembro de 1946), o Mercado da Encruzilhada (construído em 1824), o Mercado da Madalena, Mercado de Casa Amarela (fundado em 1930), Mercado de Afogados e o Mercado do Cordeiro.

Há quem diga que só se conhece o povo de uma cidade quando se visita seu mercado. Em qualquer cidade do mundo essa afirmação será verdadeira. Das camadas mais populares às mais intelectualizadas, as características de uma sociedade, suas crenças, costumes e processos sociais poderão ser observados nos mercados públicos.

A seguir serão apresentados Mercados Públicos do Recife, seguindo um passeio histórico, a partir de uma seleção que atendeu aos objetivos dessa pesquisa, quanto à representatividade e reconhecimento pelos cidadãos, assim como pela viabilidade de acesso aos mesmos.

A começar pelo Mercado de São José (Figura 1), o mais antigo da cidade, distinção e orgulho dos recifenses, este mercado tornou-se um ícone da cultura pernambucana, reconhecido como fonte de estudos para a Arquitetura, Design, Antropologia, Artes e Gastronomia.

Figura 1. Imagem da fachada do Mercado Público de São José, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

Na ebulição de um dia de comércio ativo do centro Recife, os visitantes ao se aproximarem do Mercado de São José têm todos os sentidos ativados por meio de uma miscigenação de sotaques, pregões, estilos, cheiros e sabores. Antes mesmo de chegar às ruas que dão acesso ao mercado, já se avista a agitação da feira que o circunda dos vendedores ambulantes de frutas de época, tapiocas, ervas medicinais e incensos, cuja composição de odores, cores e formas chamam a atenção de quem passa por perto. Segundo IPHAN (2009), o Mercado de São José,

localizado no bairro de São José e inaugurado em 1875, é o mais antigo mercado público do Brasil e o primeiro edifício pré-fabricado em ferro no país (com a mesma estrutura neoclássica dos mercados europeus do século XIX. Foi inspirado no mercado público de Grenelle, em Paris. Conta com 202 boxes. A loja mais antiga ainda em funcionamento foi aberta em 1950 pelo comerciante José Ferreira da Costa, a *Loja da Costura*. Sua maior especialidade ao longo dos tempos foi vender tecidos e aviamentos de qualidade, mesmo em épocas em que o crescimento dos *shoppings centers* levou parte dos clientes. Mas Seu José, como era conhecido, trabalhava com a ideia de que suas freguesas precisavam ter a maior variedade de produtos com o melhor atendimento. Após seu falecimento, a Loja da Costura é administrada pela filha do fundador, Fernanda Costa, que segue os mesmos valores e princípios (IPHAN, 2009).

Entretanto, o sistema adotado na organização do Mercado de São José é frágil e problemas são detectados em suas dependências e arredores. A falta de educação ambiental da própria população vem tornando o local alvo das políticas públicas, que, na sua maioria, não têm tido sucesso para torná-lo mais sustentável.

Da mesma época que o Mercado de São José e, também, do gosto e apreço dos recifenses, o Mercado da Boa Vista (Figura 2) registrou uma grande intervenção de

recuperação, cuja reinauguração data de 2/12/1946, sendo alvo de outras reformas em 1991 e 1994. Segundo a Prefeitura da Cidade do Recife (s.d.a),

o local possui 63 boxes, que comercializam cereais, verduras, frutas e legumes, carnes, aves e frios, além de ervas e armarinhos. Há nove bares, que servem comida regional no café da manhã, almoço e jantar. A clientela é formada, principalmente, por sindicalistas e políticos, que se deliciam com o famoso patinho no feijão preto.

Figura 2. Imagem da fachada do Mercado Público da Boa Vista, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

Corroborando com a afirmação de Oliveira (2006), para quem os mercados públicos são espaços populares que representam a cultura e a história de um povo, o Mercado da Boa Vista também é reduto de escritores, poetas, cordelistas, cantores e repentistas. No período que antecede o carnaval, muitos blocos e troças carnavalescas adotam suas instalações para ser ponto de encontro e hastearem seus estandartes, a fim de saírem pelas ruas do bairro, arrastando foliões e curiosos.

Inaugurado na década de 1950, o Mercado da Encruzilhada (Figura 3) situa-se no Largo de mesmo nome, possuindo área maior que o de São José. Substituiu o antigo mercado que funcionava em uma estação ferroviária desativada e que estava em situação precária. Foi objeto de reformas, sem que tivesse suas características arquitetônicas originais descaracterizadas. Comercializa diversificados produtos (frutas, verduras, cereais, miudezas, artesanato, frios, carnes e aves), abriga restaurantes e bares com clientela fiel. (RECIFE, s.d.a).

Figura 3. Imagem da fachada do Mercado Público da Encruzilhada, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

Situado em antiga zona açucareira, cuja propriedade ficou conhecida como “Passagem de D. Madalena”, dando nome ao bairro que se formou com a evolução urbana da cidade, o Mercado da Madalena (Figura 4) foi inaugurado em 1925 (RECIFE, s/d).

No local se reunia um aglomerado de feirantes, que ali vendiam frutas e verduras, sem qualquer interferência por parte da prefeitura. Funcionava à noite e, por isso, recebeu o nome de Mercado do Bacurau. O horário noturno atraía, além de comerciantes, boêmios, que buscavam um local vivo nas noites provincianas do Recife. Nos fins de semana, o movimento era mais intenso durante o dia, com destaque para o comércio de comidas típicas: mungunzá, tapioca, cuscuz com café, e o saboroso sarapatel de Manoel Mendes (RECIFE, s.d.a).

Figura 4. Imagem da fachada do Mercado Público da Madalena, Recife - PE.



Fonte: Arruda (2015).

Local de visitação da população, em geral cumpre seu papel de um mercado que congrega consumidores, artistas e turistas. É frequentado por crianças do bairro, acompanhada de seus pais, tornando-se um programa de lazer para as famílias e consumidores nos finais de semana. O setor de serviços é diversificado. Amoladores, chaveiros, costureiras, relojoeiros, sapateiros e oficina de bicicletas. Por se tratar de um mercado com feira de animais, a “Feira dos Passarinhos” (Figura 5), como é conhecida, tornou-se alvo de fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

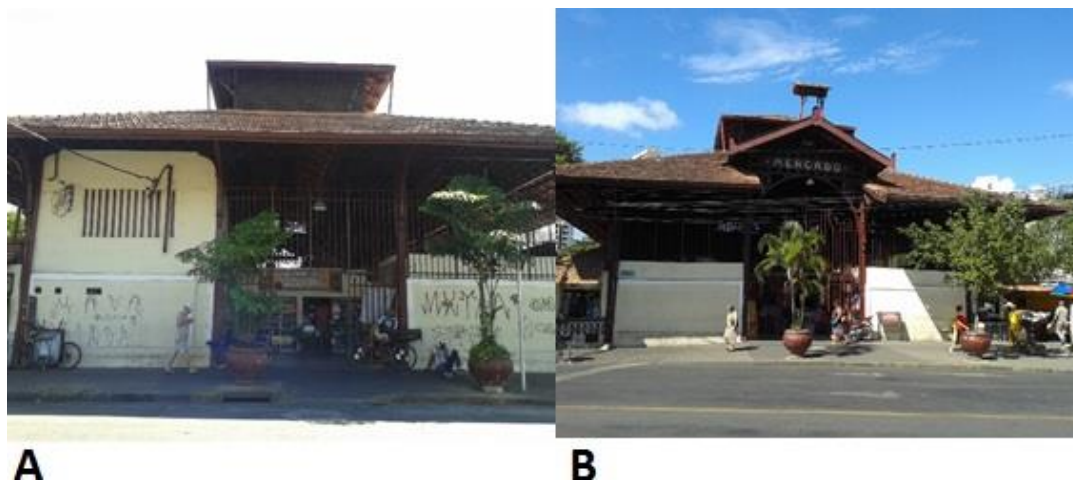
Figura 5: Anexo do Mercado da Madalena Feira dos Passarinhos



Fonte: Arruda (2015).

Inaugurado em 9/11/1930, o Mercado de Casa Amarela (Figura 6) localiza-se na Estrada do Arraial, no populoso bairro de Casa Amarela. À estrutura original foram adicionados dois anexos, sendo o primeiro inaugurado em 1982 para abrigar comerciantes que se instalaram na periferia do edifício principal. Posteriormente, agregou-se o segundo anexo, denominado Anexo II COBAL.

Figura 6. Imagem da fachada (A) e da parte posterior (B) do Mercado Público de Casa Amarela, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

Considerado um dos mais importantes mercados públicos da cidade, possui 100 boxes, tendo como características comerciais:

Em sua parte externa há compartimentos que servem alimentação (bares e restaurantes populares) que são as principais atrações, funcionando às 24 horas do dia. A oferta de produtos é diversificada, com a venda de carne de charque e queijo de coalho vindos do sertão, além de carnes, frios, peixes e crustáceos, armarinhos, ervas, flores e artesanato (RECIFE, s.d.a).

Em geral nestes mercados os artistas populares não pedem licença para entrar. A sua arte é sempre bem-vinda. Emboladores, violeiros, sanfoneiros e os artistas da palavra cantam as suas loas, repentes e cordéis, e em época de festejos dançam seus ritmos e criam seus símbolos.

2.1.2. Sabores e dissabores dos mercados: preservando sua importância e tradições

A gastronomia é um dos elementos mais significativos de uma sociedade, sendo representação da cultura, dos usos, dos costumes e dos saberes da mesma. Nas palavras de Zarvos e Ditadi (2000, p. 3): “É inegável que a gastronomia faz parte da cultura de um povo”. O Brasil, com toda a sua heterogeneidade, recebeu influências de diferentes povos, tornando-se bastante plural e culturalmente rico. Recife é uma das capitais brasileiras que se destaca nesse contexto.

Como afirma Albertim (2008, p. 15), “Terceiro pólo gastronômico do Brasil, o Recife acolhe não só os sabores do mundo, como também do Litoral ao Sertão, os ingredientes e gostos elementares de Pernambuco”.

Congregando um público assíduo aos restaurantes, lanchonetes e bares, os mercados do Recife, a exemplo do Mercado da Encruzilhada (Figura 7), vêm oferecendo uma variedade de pratos regionais, apreciado por todos os gostos culinários, se tornando locais de encontro e lazer.

Figura 7. Praça de Alimentação do Mercado da Encruzilhada, Recife - PE



Fonte: Arruda (2015)

Desta forma, os mercados públicos proporcionam a oportunidade aos seus frequentadores, de preservar as suas tradições, valorizando seu patrimônio arquitetônico e imaterial, tornando-se espaço rico de possibilidades de experiências individuais e coletivas, contribuindo para se atingir qualidade de vida na cidade, de modo ambiental e culturalmente sustentável.

No Quadro 1 estão caracterizados alguns mercados públicos do Recife, quanto aos produtos comercializados e atividades artístico-culturais que acolhem. Por questões de tempo e viabilidade da pesquisa, outros estabelecimentos não puderam ser observados, e, portanto, não compõem o quadro.

Quadro 1. Caracterização dos mercados públicos e suas manifestações artísticas na Região Metropolitana de Recife-PE, 2014.

MERCADO	ANO DE FUNDAÇÃO	ÁREA m ²	Nº DE BOXES	SEGMENTOS DE COMERCIALIZAÇÃO	ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS
Casa Amarela	1930	817	100	Carnes, frios, peixes, crustáceos, ervas, flores, artesanato (palha e barro) e produtos de armarinho.	Trio nordestino; Apresentações musicais e oficinas de artesanato (IFPE).
Boa Vista	1946	-	63	Carnes, frios, peixes, crustáceos, ervas, flores, artesanato (palha e barro), produtos de armarinho.	Apresentações musicais; literatura de cordel e apresentação de agremiações carnavalescas.
Cordeiro	2008	2.397	117	Serviços, praça de alimentação, armarinho, cereais e laticínios.	Apresentações musicais e trio nordestino.
Encruzilhada	1824	3.850	214	Carnes, frios, peixes, crustáceos, ervas, flores, bares, restaurantes, armarinho, cereais e laticínios.	Musicais; apresentações de danças; literatura de cordel e trio nordestino.
Afogados	1934	1.995	566	Carnes, frios, peixes, crustáceos, ervas, flores, produtos de armarinho e artesanato (palha e barro).	Musicais; apresentações de danças e literatura de cordel.
Madalena	1925	-	180	Serviços, Praça de Alimentação, bares, artigos religiosos, armarinho, cereais e laticínios.	Musicais; apresentações de danças e literatura de cordel.
São José	1875	3541	-	Frutas, verduras, peixes. Artesanatos, crustáceos cereais, armarinho, artigos religiosos e bares.	Musicais; apresentações de danças e literatura de cordel.

Fonte: Arruda (2015)².

O mercado é reconhecido pela mídia como espaço cultural e de abastecimento. A Rádio Jornal (AM 780 | FM 90,3), com o repórter Wagner Gomes, realiza, aos sábados, das 8:00 às 9:00, reportagens transmitidas diretamente dos mercados, divulgando suas ações, denunciando seus problemas. Também existem os *blogs*, de iniciativa particular, “Amigos dos mercados” e “Mercados do Recife”, os quais divulgam os mercados recifenses mais frequentados.

Em uma retrospectiva, se faz necessário um recorte para a educação não formal, no intuito de contextualizar a educação ambiental não formal em mercados públicos, para uma melhor compreensão desta forma não tão usual para a arte-educação.

² As informações foram obtidas em visitas *in loco* e com informações dos permissionários do mercado.

A partir dos anos 90, tais experiências passaram a ser conhecidas como educação não formal, ocorrendo paralelamente à frequência escolar. No Brasil, essa especificidade da educação vem ganhando espaço na sociedade em geral devido à política social e econômica adotada, principalmente em relação às camadas sociais mais baixas da população. Assim, surgem, de um lado, instituições, associações, organizações e grupos preocupados em propor alternativas que melhorem a forma de inserção de um grande contingente de pessoas na realidade brasileira. Paralelamente, muitos segmentos têm a preocupação de proteger as classes mais favorecidas da marginalidade que pode advir, em especial, de grupos de crianças e jovens que vivem nas periferias das cidades (SIMSON et al., 2001 apud FERNANDES, 2009).

Como já registrado, além do comércio e prestação de serviços, os mercados públicos no Recife consolidaram-se como espaço de turistas interessados em conviver com os costumes e realidades locais. Entretanto, contrariamente ao que é indicada, a infraestrutura dos estabelecimentos ainda não está adaptada para atender a uma demanda crescente de usuários. As deficiências na manutenção, na segurança e na preservação também atingem este bem público. De uma maneira particular, os mercados públicos condensam e refletem os problemas de toda a cidade, reflexo da má gestão pública.

Para que não se perca este espaço rico de saberes e história, tornam-se necessárias medidas eficazes que passem primeiro, pela educação. Desta feita, se garantirão que as populações vindouras possam também usufruir deste bem.

Assim como em grande parte dos espaços públicos, nos mercados também são observados comportamentos inadequados como: mau uso da água e de saneamento, destinação incorreta dos resíduos e inadequação de conservação dos alimentos, por parte, principalmente, dos permissionários. Mediante tais hábitos tornam-se necessárias e urgentes a implantação pelos dirigentes, em cooperação com a população, de procedimentos de educação ambiental, como forma de colaborar com o desenvolvimento sustentável.

Das abordagens sobre o desenvolvimento sustentável, nas suas várias interpretações, incluindo o “Informe Brundtland” cabe enfatizar a principal que entende o desenvolvimento somente quando capaz de garantir as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também às suas. (CMMAD, 1988, p. 9).

Até o início do século passado, de uma maneira geral, não se tinha essa preocupação, a de prever o que não será mais de usufruto do homem, e com isso, não houve a preocupação com o futuro. Resta, agora, tomar a atitude e dar um passo atrás adotando iniciativas educacionais, mesmo que, pontuais, para não se perder mais tempo. As universidades, centro de estudos e instituições de ensino são corresponsáveis por difundirem a educação ambiental

tanto no ensino formal quanto no não formal.

Colaboração é a premissa mundial para um desenvolvimento sustentável. As políticas públicas sem governança não dão conta desses entraves. A sociedade civil como um todo poderá contribuir em curto, médio e longo prazos para chegar a resultados, no mínimo, satisfatórios. Portanto, em conjunto, a sociedade, por meio da educação, poderá tomar essa causa e exigir que todos façam a sua parte.

2.2 Educação Ambiental e Educação Não Formal: caminhos que se cruzam

É função do poder público proporcionar ao cidadão o acesso à educação ambiental. No Brasil, o ponto de partida para a EA está na própria Constituição Federal de 1988, em seu Capítulo VI, artigo 225, parágrafo 1º, inciso VI (BRASIL, 1988).

A Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA, Lei nº 9.795 (BRASIL, 1999) entende a EA como

O processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (GUIMARÃES, 2007, p. 16).

É possível e desejável que a EA também se realize em ambiente não formal, por processos pedagógicos destinados à formação ambiental dos indivíduos e grupos sociais, fora do sistema de ensino. Buscando a participação e a mobilização da sociedade frente à necessidade de utilizar racionalmente os recursos naturais, combater a poluição e degradação do meio e atuando como instrumento de capacitação das comunidades (PORTO, 1996).

Guimarães (2007) e Dias (2003) ressaltam que a EA deve ser um processo contínuo, interdisciplinar e dirigido a toda a sociedade, vinculado à legislação e às políticas ambientais.

Na década de setenta as questões ambientais passaram a serem preocupações mundiais. O desenvolvimento sustentável configurou-se em pauta indispensável a ser discutida pelas sociedades. A educação ambiental teria um grande papel nessa conscientização, uma vez que “tornou-se iminente, a necessidade da reorientação da educação escolar visando o desenvolvimento sustentável e o compromisso com a cidadania ambiental” (AMARAL, 2007, p. 112-113).

Tendo em vista a demanda crescente da sociedade para a melhoria da qualidade de vida, não deve se relegar os bens naturais em prol exclusivo do desenvolvimento econômico, utilizando-se de medidas que não possam ser sustentáveis. O homem necessita dos recursos

naturais, mas já foi observado que existe um desequilíbrio entre necessidade e exploração para fins industriais irremediáveis.

Convenientemente poderão se realizar parcerias coerentes entre meio artístico e educacional, em que a sociedade venha a assistir a um resultado em que todos possam cooperar de forma interdisciplinar ressaltando a idéia de:

Barbosa (1998, p. 116) afirma que,

É muito importante não esquecer que o equilíbrio ecológico e o social estão relacionados e são parte da mesma realidade. Não podemos resolver os problemas políticos, econômicos, sociais e educacionais que induzem às ações predatórias e as permeiam. Os artistas e os artistas-educadores têm importante papel a desempenhar nos esforços para preservar a natureza.

Como também para Amorim (2010, p. 116),

a Educação Ambiental, como prática pedagógica sistematizada nas aulas de Educação Artística, pode ser um campo fértil para inúmeras possibilidades de intervenção. A transição de conhecimentos, valores e a formação de atitudes respeitadas para com o Meio Ambiente são extremamente necessárias para podermos frear o processo de destruição que o planeta vem sofrendo. Neste sentido, para que a mensagem possa atingir o maior número de pessoas, o papel da arte educação é de suma importância para a consolidação de movimentos ambientais.

A população cresce e, em uma progressão geométrica, aumentam os resíduos gerados e descartados nos espaços públicos. Os resíduos tornam-se, até, índice de desenvolvimento. Equivocadamente, aos olhos do senso comum, quanto mais lixo produzido, mais rica economicamente pode ser considerada a sociedade. Manzini (2008, p. 32) afirma que “chegamos inevitavelmente à conclusão de que, quanto maior o nível de bem-estar desejado e quanto mais pessoas almejem este específico tipo de bem-estar, mais o meio ambiente está danificado”.

Segundo Dias (2009), a visão de desenvolvimento não somente envolve o meio ambiente natural, mas, também, inclui os aspectos socioculturais numa posição de destaque, revelando que a qualidade de vida dos seres humanos passa a ser condição para o desenvolvimento e a proteção ao meio ambiente e é um dos desafios de nossa geração. Diante dos problemas ambientais que nos confrontamos, atualmente, propostas de educação ambiental são colocadas em práticas para amenizar os efeitos destes impactos, dentre estes, a política dos 5 R's.

MMA (2009) evidenciou a importância da então política dos 5 R's, apontando a diferença entre resíduos sólidos e lixo, quando conceituou e descreveu sobre os cinco ações fundamentais à sustentabilidade: reduzir, reutilizar, reciclar, recusar e repensar, divulgando

seu caráter educativo.

O problema da destinação dos lixos, aliado aos problemas ocasionados pela quantidade existente destes resíduos proveniente de um consumo exagerado no planeta, vêm sendo uma preocupação planetária, presente em discussões em quase todos os acordos, protocolos, agendas, planos nacionais e internacionais. A sociedade precisa fazer urgentemente uma retrospectiva no intuito de reflexão, projetar em direção inversa e se perguntar: como e por que esse lixo vem sendo gerado e acumulado indevidamente ocasionando tantos problemas? Certamente, chegarão aos padrões de consumo, economia e desenvolvimento industrial; porém, os resíduos que vem sendo gerado e a quantidade de como esses estão se multiplicando na atualidade é fato.

Aliados aos conteúdos específicos de meio ambiente, a arte educação se faz presente como potencializadora das ações de educação ambiental. Nesta perspectiva, compreende-se a possibilidade de praticar a arte-educação ambiental, como forma de sensibilizar e educar sujeitos para ajudá-los na construção de uma sociedade comprometida com o desenvolvimento sustentável.

Para Vigotsky (2010), as artes representam o centro de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo em sociedade e que se constituem no meio para se estabelecer o equilíbrio entre o ser humano e o mundo, nos momentos mais críticos da vida.

Neste sentido, o autor declara que na educação pela arte o sujeito trabalha espontaneamente sentidos e sentimentos e esses trazem benefícios para a educação em geral. Observar, ouvir e sentir prazer parece ser um trabalho psíquico tão simples que não necessita de nenhuma aprendizagem especial. E, não obstante, é aí que está o objetivo principal e o fim da educação geral. Acrescenta, ainda, que só é útil aquele ensino da técnica que vai além desta técnica e ministra um aprendizado criador: ou de criar ou de perceber (VIGOTSKY, 2004).

Para Lowenfeld (1977, p. 32), em nossa sociedade a arte possui outros significados, além de ser uma forma suprema de expressão. Entretanto, a “arte pode parecer incoerente para o mundo científico em que vivemos”. Na era da globalização, com avanços científicos e tecnológicos, a arte pode parecer algo distante dos interesses dos indivíduos.

Snow (1961) discursou sobre esses extremos em nossa sociedade: a corrente artístico-literária que nos impulsiona para um lado, e a científica para o outro. Entretanto, convém ressaltar que a arte e a ciência conseguiram, de algum modo, manter formas paralelas ao estado evolutivo dos conhecimentos em cada área (CASSIDY, 1962). Tanto o cientista e quanto o artista tentam continuamente sondar os desconhecidos em busca da verdade. A Teoria da Relatividade, de Einstein, e o movimento, não objetivo, na arte, desenvolveram-se,

aproximadamente, na mesma época.

Para compreender padrões, é preciso visualizá-los e mapeá-los. É por isso que sempre que o estudo dos padrões esteve em destaque os artistas contribuíram significativamente para o progresso da ciência. Talvez os dois exemplos mais famosos sejam Leonardo da Vinci, cuja vida científica foi um estudo de padrões, e o poeta alemão Goethe, no século 18, responsável por contribuições importantes para a biologia através do estudo de padrões. Para os educadores, isso abre as portas para a integração das artes ao currículo escolar. Não há praticamente nada mais eficaz que as artes (as artes visuais, a música, as artes cênicas) para desenvolver e refinar a capacidade natural de uma criança de reconhecer e expressar padrões. Assim, as artes podem ser um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico, além de reforçarem a dimensão emocional que tem sido cada vez mais reconhecida como um componente essencial do processo de aprendizagem (CAPRA, 2003, p. 24)

Desta forma, tanto artistas como cientistas lidam com massas, energias e movimentos, mas o seu campo, as atitudes e os valores desempenham igualmente, papéis importantes. Como para Lowenfeld (1977, p.32), para quem o setor das artes é quase ilimitado em suas possibilidades, inclusive no ensino formal onde a arte desempenha uma função importante na educação. Portanto, se ensinada além dos muros da escola poderá proporcionar a oportunidade de aumentar a capacidade de ação, de experiência, de redefinição e de estabilidade que é necessária numa sociedade prenhe de mudanças, de tensões e de incertezas.

Sabe-se que a interdisciplinaridade, no campo da Ciência, busca "reencontrar a identidade do saber na multiplicidade de conhecimentos". Seu objetivo é superar a "visão restrita" do mundo e compreender a complexidade do homem e da realidade (LÜCK, 1994). É preciso que especialistas se aliem aos educadores – sociólogos, ecologistas, cientistas, geógrafos, bem como arquitetos, urbanistas, comunicadores, psicólogos sociais e antropólogos – na luta em busca do equilíbrio entre preservação e desenvolvimento, que conduz a uma melhor qualidade de vida e do meio ambiente natural. Os problemas do meio ambiente podem ser resolvidos apenas por meio de análise e decisões multidisciplinares. A educação ambiental somente terá sucesso se envolver um grupo multidisciplinar em processo interdisciplinar de ensino-aprendizagem.

No seu entender de apreciador de artes, Pinto (2010, p. 175) menciona que:

Uma das funções da arte, além de agradar o espírito, é comunicar sensações reais que sejam duradouras. Em outras palavras, é preciso que a obra de arte nos toque, nos sensibilize nos faça perceber seu conteúdo e sua mensagem.

Desta maneira, o autor defende que, por meio de uma ação artística, a arte provoca o diálogo com as preocupações ambientais e a questão da qualidade de vida.

Para Guimarães (2000, p. 84), “Uma educação ambiental crítica aponta para transformações radicais nas relações homem-natureza, na relação do homem com a sua própria subjetividade, com o processo de construção coletiva”.

A arte aciona subjetivamente todos os sentidos humanos como veículo para perceber mais significativamente o mundo a nossa volta e ser capaz de transformá-lo, sobretudo, atuando como um instrumento modificador de acordo com ideais e pensamentos. Portanto, considerando a degradação da natureza, resultado de seu uso indiscriminado, é importante e possível incorporar a arte, através dos instrumentos tecnológicos, buscando um direcionamento adequado para as questões do meio ambiente.

De acordo com que Tuan (1980) analisa sobre as percepções do meio ambiente, para ele difere de pessoa para pessoa, elas não vêem a mesma realidade de uma mesma forma, pois as mesmas elaboram impressões a partir de sentimentos e sensações, mas, também são influenciadas pelas percepções coletivas. Logo, não é necessário somente estar presente e sim fazer parte, compreender as inter-relações entre o homem e o meio ambiente, suas esperanças e desesperanças, descontentamentos, críticas e procedimentos.

Compreendendo que a arte-educação tem o potencial de contribuir de maneira criativa para as dinâmicas pedagógicas consolidadas da educação formal, mas, especialmente, de possuir mecanismos e flexibilidade para conduzir processos fora da educação formal, acredita-se que a Abordagem Triangular possui fundamentos e características adequados para uma proposta de arte-educação-ambiental na qual possa inferir nas relações entre o meio ambiente percebido, resultando em transformações individuais e coletivas.

A Abordagem Triangular começou a ser sistematizada em 1983 no Festival de Inverno de Campos de Jordão, São Paulo, e foi intensamente pesquisada entre os anos de 1987 e 1993 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade São Paulo e na Secretaria Municipal de Educação sob o comando de Paulo Freire e Mário Cortela, estendendo não somente ao Rio Grande do Sul pela Fundação Iochpe e Universidade Federal Rio Grande do Sul-UFRGS como também nas instituições de ensino por todo o país.

Foi criada e propagada, no Brasil, a partir da década de 1980, por Ana Mei Barbosa³, para quem a construção do conhecimento em Artes está apoiada em três pilares:

1. Contextualizar ou conhecer - conhecimento histórico da obra de arte;
2. Apreciar – ler uma obra de arte;
3. Produzir – fazer artístico.

Ou seja, a Abordagem Triangular compreende que todo trabalho deve ser

³ De acordo com Pedrosa, (2010, p. 207) “Um dos primeiros relatos da atividade didática conectando arte e educação ambiental no Brasil diz respeito a experiências realizadas em 1983 no Festival de Inverno de Campos de Jordão, organizado pela equipe Ana Mei Barbosa, Claudia Toni e Glaucia Amaral, portanto nove anos antes da realização da “Eco 92”, acontecida no Rio de Janeiro”. Apoiada pelo secretário Paulo Freire e Cortella.
Nota breve sobre Ana Mei / Paulo Freire

contextualizado para que o estudante possa proceder à interpretação do que está observando, com compreensão histórica da produção artística (época e condições de sua produção). A partir daí, então, poderá construir uma compreensão do mundo atual, expressando-a artisticamente com sua própria produção.

Para a autora,

[...] é muito importante não esquecer que o equilíbrio ecológico e o social estão relacionados e são partes da mesma realidade. Não podemos resolver os problemas políticos, econômicos, sociais e educacionais que induzem às ações predatórias e as permeiam. Os artistas e os arte-educadores tem importante papel a desempenhar nos esforços para preservar a natureza (BARBOSA, 1998, p.116).

Enfatiza que “qualquer conteúdo, de qualquer natureza visual e estética, pode ser explorado, interpretado e operacionalizado por meio da Proposta Triangular” (BARBOSA, 1998, p. 38). Acrescentando que “A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialógica, multiculturalista e é pós-modernista por articular tudo isto e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula [...]” (BARBOSA, 1998, p. 41).

A arte-educação contemporânea, representada pela Abordagem Triangular do Ensino da Arte, propõe a interdisciplinaridade como forma de construção de conhecimento e, quando realizada na sua plenitude, permite, inclusive, o trabalho transdisciplinar. Segundo Barbosa (1998), o trabalho dos arte-educadores, no sentido de despertar a consciência para o meio ambiente, não é menos importante.

Essa proposta foi primeiramente experimentada para mediação cultural e social de arte-educação em museus, na qual se estabeleceu e vem desempenhando papel importante no cenário do ensino de Artes em contextos não formais.

De uma forma análoga ao espaço museológico, os mercados públicos constituem-se em um espaço espontâneo, propício e rico em materiais de ordem cultural e estético-ambiental, entendendo-se ser possível acolher a Abordagem Triangular como canal para a produção de sentidos em arte, assentada em uma base maior que é o meio ambiente.

O resíduo sólido constitui-se em um dos principais problemas de ordem ambiental nos mercados públicos, entretanto tem um valor agregado e poderá ser transformado em um objeto utilitário. Amorim (2010, p. 115) afirma que “o reaproveitamento dos resíduos é uma opção de ordem social diferenciada e valoriza o ambiente de forma saudável”. A arte-educação tem o potencial pedagógico de trabalhar para que se reutilizem esses resíduos, criando um olhar educativo para o meio ambiente, via uma sensibilização ambiental, e utilizando outras habilidades do indivíduo, geralmente não exploradas.

Ações de arte-educação podem ser ainda mais proveitosas se adotada a perspectiva lúdica, como pode ser observado nos cinco aspectos fundamentais listados por Olivier (2003):

1. O lúdico é um fim em si mesmo, ou seja, ele não é o meio através do qual alcançamos outro objetivo;
2. O lúdico é espontâneo;
3. O lúdico pertence à dimensão do sonho, da magia, da sensibilidade;
4. O lúdico baseia-se na atualidade: ocupa-se do aqui e do agora;
5. O lúdico privilegia a criatividade, a inventividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer.

É possível afirmar que a ludicidade promove o conceito de interatividade, ou seja, permite uma influência recíproca entre os indivíduos e a ação ou objetos que vem sendo construídos. (SANTOS⁴, 2013).

Nesse contexto, pode-se considerar o mercado público como fonte e espaço de aprendizado, extrapolando sua função comercial, constituindo-se em um campo experimental e não institucional para desenvolvimento de vivências interdisciplinar.

Esta perspectiva de trabalho em espaço público encontra amparo nas palavras de Paulo Freire (Freire, 1987, p. 68) o qual ressalta que; “Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, considera-se que os atores sociais envolvidos neste espaço possam tirar partido de tudo o que ele oferece de maneira particular e coletiva.

Atualmente, é visto o crescente interesse pela prática da reciclagem como forma de manifestação artística. A reciclagem é uma nova opção de ordem social diferenciada, de respeito à diversidade, de validação do direito que cada sujeito tem em busca de uma forma singular de expressar-se e que valoriza a manutenção do ambiente de forma saudável. A atividade de reciclagem possui, ainda, características particulares que possibilitam colocar a questão de transformação do velho, daquilo que inicialmente aparenta inutilidade e/ou impossibilidade de uso, em um material novo, com forma e valor estético significativo. Além de tudo, o reaproveitamento possibilita a compreensão da necessidade das pessoas se exercitarem-se enquanto cidadãos (AMORIM, 2010, p.115).

Reforçando a importância do tratamento dos resíduos sólidos, a Agenda 21 estabelece metas e planos para que as sociedades nacionais e internacionais entendam a relevância da questão, preconizando, em seu artigo 21, §5º:

- (a) Redução ao mínimo dos resíduos; (b) Aumento ao máximo da

⁴Relatório Final 2012-2013 do Projeto de Iniciação Científica intitulado “Janela interativa como potencializadora da Educação Ambiental, da Arte e da Comunicação em Mercados Públicos” de autoria da estudante-pesquisadora *Natasha Priscila Bezerra Santos*.

reutilização; (c) Reciclagem ambientalmente saudável dos resíduos; (d) Promoção do depósito e tratamento ambientalmente saudável dos resíduos; (e) Ampliação do alcance dos serviços que se ocupam dos resíduos (AGENDA 21, 1992).

A educação ambiental e a arte-educação nessa perspectiva, não somente estimula o comportamento exploratório como a capacidade crítica de uma mudança de atitudes perante o meio ambiente. Portanto “Que seja bem-vinda!”.

2.2.1 Educação Ambiental em Mercados Públicos

A escola enquanto instituição legítima do processo ensino aprendizagem não é o único espaço no qual ocorre educação. Também aparecem experiências formativas fora das escolas em diferentes espaços públicos. Brandão (1995) considera que ao indagar sobre “o que é Educação”. A resposta seria. “É o que molda as capacidades dos seres humanos através do desenvolvimento intelectual, emocional, físico, social e volitivo”. Contudo, quando se falam em educação são induzidos automaticamente a pensar na Escola e seus processos de ensino e aprendizagem, os quais agregam diversos atores, podendo acontecer de diversas formas, e não depende, exclusivamente, de um padrão formal.

Entretanto, existem outras formas de aprendizado, que vão além dos limites institucionais e seus respectivos espaços físicos. Em qualquer espaço pode-se criar uma forma de aprendizado e para melhor entendimento didático Rendeiro et al. (2012), aponta para três vertentes de educação: educação formal, educação informal e educação não formal.

Em se tratando do ensino-aprendizagem escolar ressaltamos que, de acordo com Brandão (1995, p. 26), “o ensino formal é o momento em que a educação se sujeita à pedagogia”. Estabelecem-se, portanto, metodologias, regras, tempo e indivíduos que realizam tal trabalho.

Já para a educação informal e não formal, de que trata essa pesquisa,

a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2006, p. 28).

Portanto, a educação pode ser compreendida como um procedimento de transformação

do ser humano, que está sujeito de sua interação social, mas não está fundamentalmente relacionada à Escola. O ensino-aprendizagem poderá acontecer independentemente do espaço físico, porém não pode é não ter quem ensine e nem quem aprenda.

Como afirmam Philippi Jr *et al.*, (2004, p. 467), “A educação ambiental, como processo de educação política busca formar para que a cidadania seja exercida e para uma ação transformadora, a fim de melhorar a qualidade de vida da coletividade”. Já segundo Pelicioni (2004), quando a realidade local é transformada fica também transformado o seu entorno.

Os mercados públicos em sua maioria por manterem atividades comerciais que muitas pessoas se utilizam em meio a uma comunidade tornam-se um nicho a ser explorado em distintas categorias educacionais, aos quais se apresentam de uma forma diversa e multiplicadora.

Contudo, necessita-se de uma metodologia que seja inovadora e necessária para que os envolvidos se sensibilizem e se motivem para a transformação pessoal e conseqüentemente a coletividade. Portanto, na sessão seguinte serão indicados e detalhados os procedimentos a seguir.

3. METODOLOGIA – Construindo um caminho para o Mercado

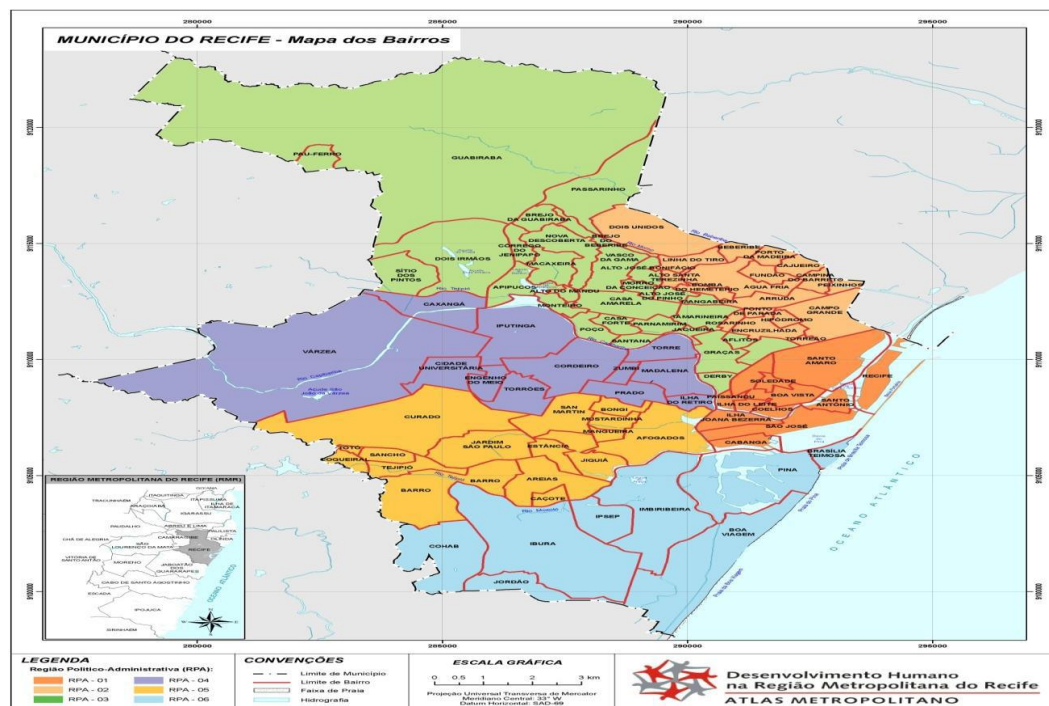
3.1 Caracterizações da área do Mercado Público de Casa Amarela

Localizado no bairro de Casa Amarela, o qual já foi uma das localidades de maior adensamento populacional do Recife. Mas, através da Lei Municipal 14.452 (RECIFE, 1988) houve uma redefinição das coordenadas geográficas e a criação de 94 bairros na cidade, o que, de certa forma, ocasionou a perda de alguns morros no bairro, com exceção do Alto Santa Isabel. Houve um desmembramento, transformando o Morro da Conceição, o Alto José Bonifácio e o Alto José do Pinho em bairros autônomos (GASPAR, 2005).

Contudo, mesmo tendo perdido algumas localidades, Casa Amarela tem seu setor comercial ativo e que concentra sua clientela de serviços, bancários, comércio ambulante, cemitério, instituições de ensino e hospitais. É um bairro residencial, demandando todos os serviços e comércio, independentemente do centro comercial do Recife.

A cidade do Recife é formada por 94 bairros e administrativamente é dividida por seis Regiões Político-Administrativa: RPA 1 – Central, RPA 2 - Norte, RPA 3 – Noroeste, RPA 4 – Oeste, RPA 5 – Sudoeste, RPA 6 – Sul (Figura 8), estas são subdivididas em três Microrregiões (MR), que agregam bairros com maiores semelhanças territoriais.

Figura 8. Regiões Político-Administrativas da cidade do Recife - PE.



Fonte: Recife (s.d.)

A estrutura e a extensão do equipamento público Mercado de Casa Amarela são compostas pelo mercado principal, dois anexos e duas feiras com seguimentos e capacidades operacionais próprias. O “Mercado Velho”, como é conhecido - O Mercado Público de Casa Amarela, está localizado entre as ruas Padre Lemos s/n e a Estrada do Arraial, inaugurado em 1930, no largo da feira de Casa Amarela (Figura 9).

A área originalmente construída foi de 817 m², com 100 boxes, de diferentes segmentos, como: açougues, armarinhos, ervas medicinais, bares e restaurantes, entre outros (Figura 7). Quanto ao número de funcionários existente neste mercado são 14, sendo um gestor de cargo comissionado, quatro porteiros diurnos e dois vigias noturnos de uma empresa terceirizada. Ainda no Anexo I, na sua parte posterior comercializam-se alimentação e bebidas, armarinhos e miudezas, peixarias e crustáceos, cereais, produtos descartáveis, ótica, açougues, aviamentos e bolsas, *bomboniere*, ervas medicinais e artesanato, serviços de consertos de bolsas e calçados, de roupas e tabacarias,

Figura 9. Mercado de Casa Amarela, retratando a área interna (A) e a lateral externa (B).



Fonte: Rodrigues⁵ (2014).

O Anexo II do Mercado de Casa Amarela conhecido como “Mercado da COBAL” (Companhia Brasileira de Alimentos) (Figura 10), situado na Rua Padre Lemos nº 92 no bairro do mesmo nome. Onde hoje é o mercado, anteriormente foram às instalações de um cinema, farmácia do governo e supermercado da COBAL. Certamente por este motivo, declara um se seus consumidores, “tenha essa aparência” e que ainda hoje é conhecido como Mercado da COBAL.

⁵Relatório Final 2014-2015 do Projeto de Iniciação Científica intitulado “Diagnóstico socioambiental em mercados públicos para construção da Agenda 21 local” de autoria da estudante-pesquisadora *Angélica Alves Rodrigues*.

Figura 10. Fachada do Anexo II do Mercado de Casa Amarela, Recife - PE.



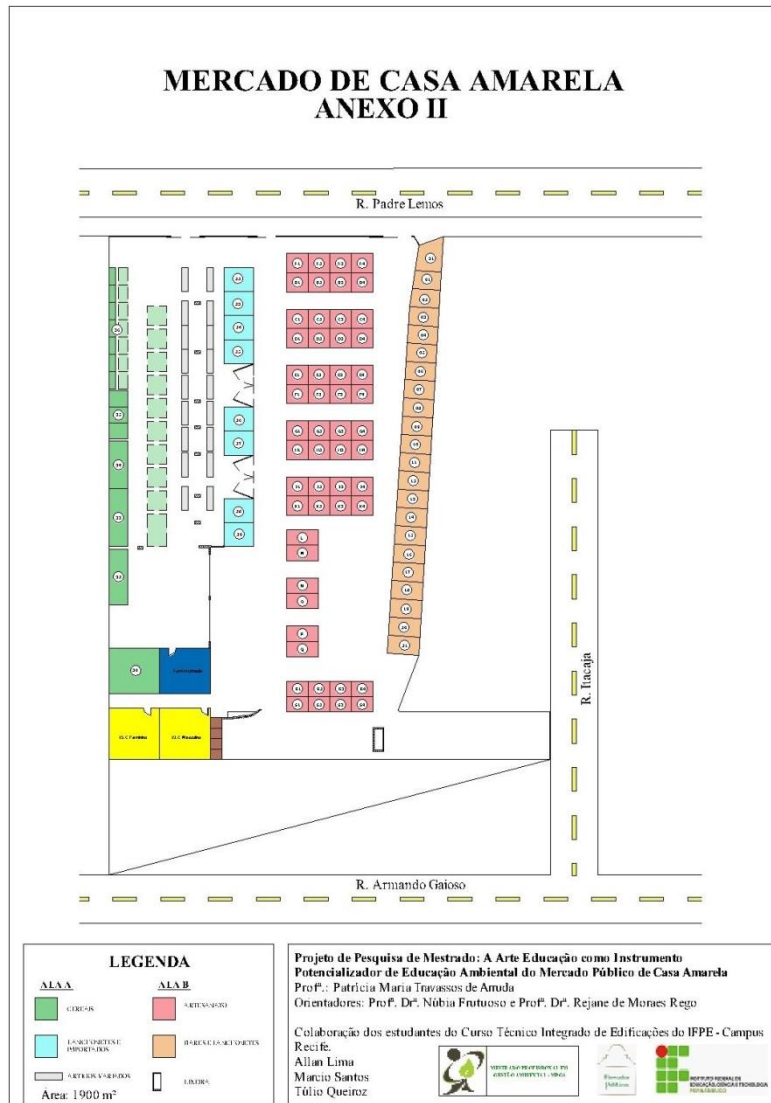
Fonte: Arruda (2015).

O Mercado da COBAL, anexo II é composto dois mercados interligados de estruturas arquitetônicas distintas. Na Ala “A” (Figura 11) são comercializados cereais, alimentos, bebidas e importados, além de vários serviços. Com uma estrutura em paredes de alvenaria, pé-direito acima de cinco metros, iluminação artificial, com revestimento do hall de entrada em mármore causando um impacto visual distinto para mercados públicos em geral.

A Ala “B” (Figura 11) é composta por boxes de alvenaria em sua lateral, como também por um complexo de barracas abertas com estrutura de *cocho*⁶, dando acesso por dois lados o qual nota-se que foi designado para mais de um permissionário comercializar suas mercadorias. Designado para abrigar os comerciantes que atuavam na rua com o intuito de melhoria da mobilidade urbana e reordenamento do bairro Nesta Ala, além da comercialização de produtos diversos e oferta de serviços (consertos e eletrodoméstico, panelas, sapatos e amolação de tesouras e facas) se misturando a bares, lanchonetes, artesanatos de palha, barro e ervas medicinais, condimentos, goma de tapioca e congêneres). Também é um espaço destinado a atrativos culturais como apresentações musicais. Segundo Sr. José Marques Administrador do mercado em abril de 2015.

⁶Tabuleiro com rebordos para transportar argamassa; cocha. 2 Caixa onde gira o reboło ou esmeril nas amoladeiras. 3 Reg (Bahia) Caixa em que se guarda cacau para fermentação. 4 Vasilha oblonga em que se põe água ou comida para o gado e que serve também para a lavagem da mandioca e fabrico da farinha.[...]. Vocabulário da Língua Portuguesa Michaelis - VOLP. 5.ed., Editora Melhoramentos. mar. 2009.

Figura 11. Mapa dos boxes do Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.



Fonte: Rodrigues (2014).

3.2 Procedimentos metodológicos: trancando e vivenciando os caminhos

O campo de pesquisa foi Mercado da COBAL, anexo II, no período compreendido entre março a julho de 2015, mediante uma abordagem qualitativa, no sentido de identificar os impactos ambientais como também o nível de conscientização ambiental do seu público: permissionários e usuários.

O local em estudo foi selecionado de acordo com características de atividades desenvolvidas e, também, por já ter sido alvo de realização de oficinas de educação ambiental em outras pesquisas, visando o reaproveitamento de resíduos sólidos.

A pesquisa teve caráter etnográfico, por conter ações que analisaram e identificaram processos sociais de descrição, depoimentos e produção de imagens relacionadas à importância de redução da geração de resíduos sólidos “*in loco*” em uma perspectiva educacional.

Na abordagem qualitativa optou-se pela técnica do questionário semi-estruturado que articula perguntas formuladas e abertas, onde os pesquisados tiveram a possibilidade de discorrer sobre as mesmas, sem condições prefixadas, conforme Minayo (2006). Para realizar as entrevistas com os permissionários e usuários do mercado utilizou-se um gravador (APÊNDICES A e B). Os dados recolhidos, de 32 (trinta e dois) entrevistados, foram analisados mediante Bardin (2008), que define a análise do *corpus* como uma soma de instrumentos metodológicos que se aplicam a conteúdos e continentes extremamente diversificados.

A partir da revisão bibliográfica e o estudo das disciplinas do cursada foi realizado um levantamento contemplando as etapas de diagnóstico, planejamento, sensibilização e realização de oficinas com exposição, análises e discussões.

Os diagnósticos *in loco*, assim como as observações e os registros áudio-vídeo-fotográficos, foram analisados e tomados como base para planejamento dos recursos utilizados nas oficinas. Contou-se, também, com dados levantados sobre a tipologia dos resíduos sólidos descartados no mercado, de modo a que as oficinas pudessem focar os aspectos ambientais relacionados com a destinação adequada dos mesmos, de forma a apoiar as diferentes etapas do Sistema de Gerenciamento Ambiental (SGA) do estabelecimento, visando contribuir para adoção de práticas mais sustentáveis.

No segundo momento foram elaboradas duas oficinas relacionadas aos temas resíduos sólidos, as quais foram desenvolvidas em dois dias diferentes para despertar o potencial criador e a disponibilidade dos participantes. As oficinas tiveram a duração de uma hora e meia cada procurando refletir sobre a possibilidade da colaboração teórica entre os conhecimentos de resíduos sólidos, arte-educação, Abordagem Triangular e Movimento Armorial as quais descreveremos com mais detalhes nos itens 3.3.

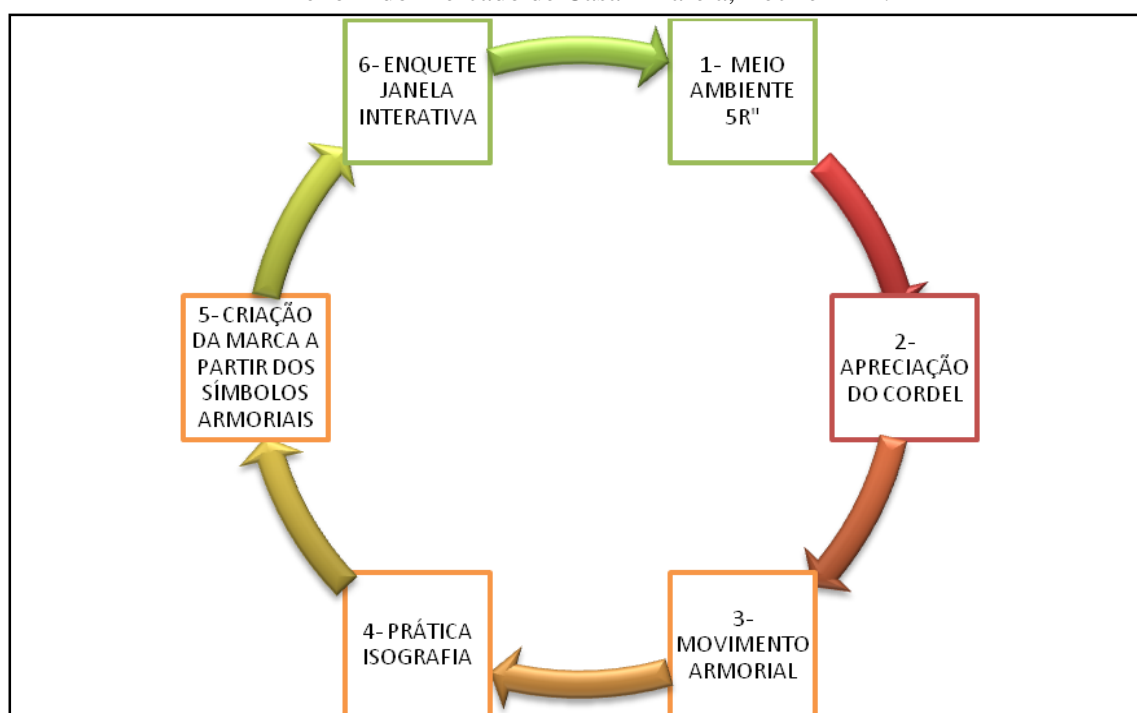
3.3 Elaboração das Oficinas

Os dados coletados no questionário serviram de subsídios para o planejamento das oficinas e demais etapas metodológicas do referido estudo. Na figura 12, destacaram-se os caminhos trilhados para todas as oficinas e suas sequências metodológicas, além de aspectos

relacionados à: local, hora, resíduos e quantidade de participantes e métodos:

- 1- Apresentação: *banner* sobre os 5R's,
- 2- Apreciação da leitura de um cordel: “Não fuja dessa parada diga logo seu sim”,
- 3- Leitura da obra de arte – *banner* Armorial, “6 Anos de IFPE”
- 4- Releitura - Prática da técnica de impressão artesanal,
- 5- Criação da marca para a capa do Cordel,
- 6- Entrevista na “Janela Interativa”.

Figura 12. Sequência metodológica para a implementação das oficinas de arte-educação-ambiental no Anexo II do Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

Para apoiar esta pesquisa foram utilizados vários saberes, por se tratar de uma pesquisa com abordagem etnográfica, qualitativa, com características multi e interdisciplinar.

Para planejar as oficinas foi apresentado aos demais pesquisadores do GPISMP-PE, como desenvolver e apresentar a Proposta Triangular de Ensino da Arte, objetivando-se estabelecer um diálogo estético entre arte e meio ambiente, na qual, seguiram-se os passos de leitura e discussão das etapas da oficina, rompendo os limites disciplinares para a construção de um olhar atento e investigativo com o qual se vêm realizando as outras ações do mercado.

Pensando no caráter consumista da sociedade, associado à utilização de produtos

Continuando a sequência metodológica de implantação das oficinas, foram utilizados três fundamentos da Abordagem Triangular (APÊNDICE F):

- Contextualização histórica (conhecimento histórico da obra de arte);
- Apreciação artística (saber ler uma obra de arte) e
- Fazer artístico (fazer arte).

Selecionaram-se a técnica de impressão artesanal, (xilografia) e o artista (Ariano Suassuna), para a releitura da obra. A escolha do artista se deu pelo motivo de se tratar de pesquisa aplicada no universo de participação democrática e popular, que tivesse estreito relacionamento com a audiência, e que carregasse um valor estético.

Contudo, não foi somente escolhido um artista, mas, um movimento artístico – o movimento da estética Armorial, o qual teria um solo fértil para se explorar no universo regional do nordeste do Brasil, no Mercado de Casa Amarela. Para seu idealizador Ariano Suassuna, (1977, p. 39),

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos "folhetos" do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), [...] e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares.

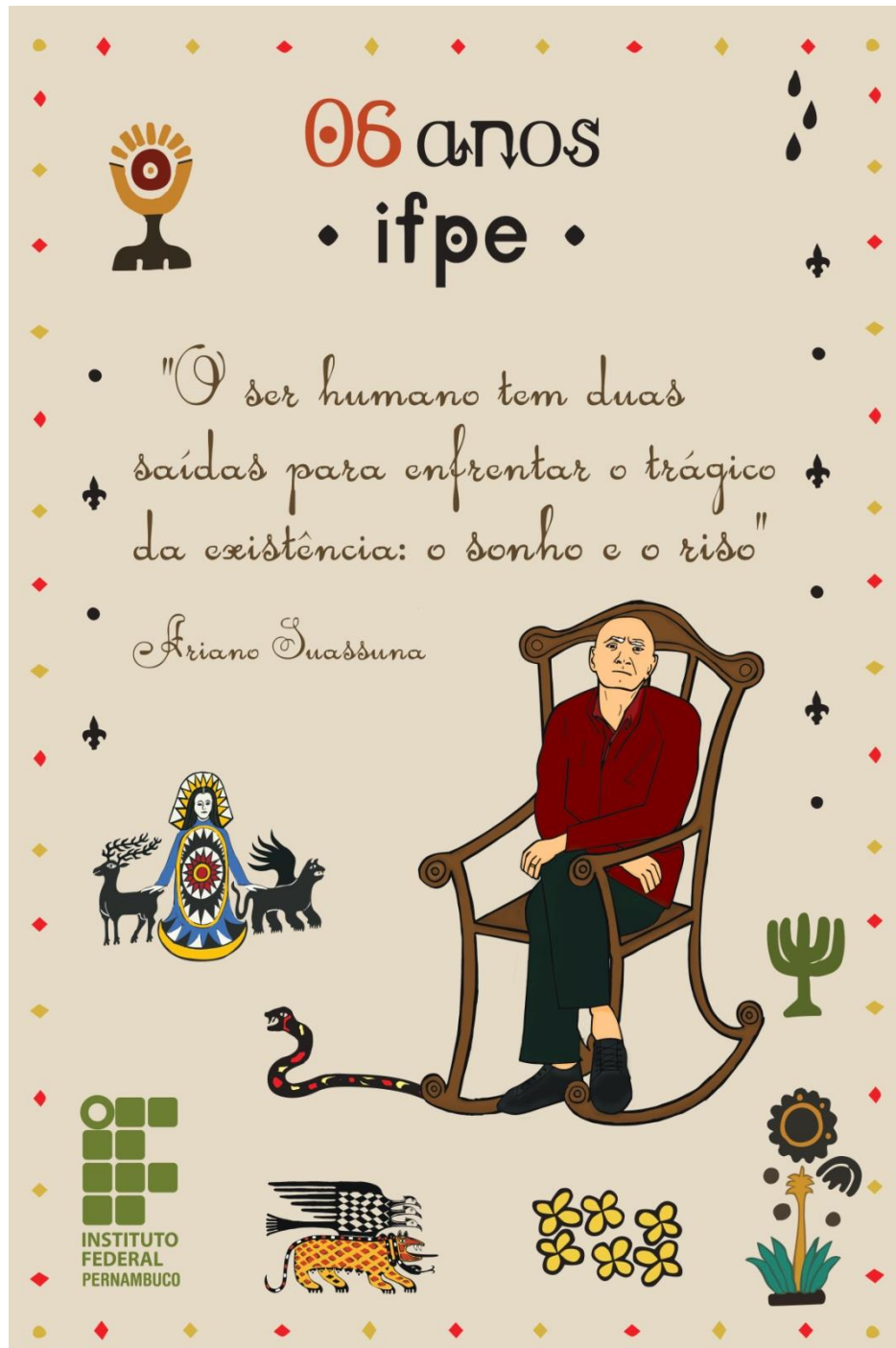
E assim, desenvolveu -se um diálogo ambiental entre Mercado e Arte. De um lado o Mercado de Casa Amarela, apresentando um cenário de raízes de produção agrícola, do outro a estética Armorial desenvolvida originalmente no sertão da Paraíba, cantada e contadas na literatura de cordel e ilustradas com xilogravuras que é a impressão artesanal com matriz de Madeira.

A formação do povo brasileiro nordestino compõe-se de diferentes etnias: indígena, europeia, africana e oriental, as quais incorporam diferentes costumes e, por conseguinte, uma mescla de saberes também presente em sua cultura.

O movimento liderado por Ariano Suassuna reúne escritores, artistas plásticos, cineastas, atores, bailarinas e cantores, trabalhando criativamente uma sobreposição da cultura popular, sertaneja, fantástica e mitológica, com obras clássicas da literatura européia. Em que, Armorial, segundo Suassuna remete a uma arte muito antiga da heráldica que significa a coleção de insígnias, brasões, estandartes e bandeiras de um povo o qual adotou estes nomes para ligação com essas heráldicas às raízes culturais brasileiras.

Embasadas pela Abordagem Triangular foi escolhido para construção do conhecimento em Artes, um *banner* intitulado “6 anos do IFPE”, trazendo o seu idealizador, o escritor e teatrólogo Ariano Suassuna (Figura 14) “O Ser humano tem duas saídas para enfrentar o trágico de sua existência: o sonho e o riso”.

Figura 14. *Banner* criado em comemoração aos 6 anos do IFPE.



Fonte: Santos (2015)⁸

⁸ *Banner* elaborado pela designer Natasha P. B. Santos, ASCOM/ IFPE Reitoria Recife- PE.

O *banner* idealizado por Santos (2015) peça gráfica, que compôs uma das comemorações dos seus primeiros seis anos como IFPE foi uma contribuição da assessoria de comunicação do IFPE-Reitoria, que homenageou o escritor Ariano Suassuna por sua trajetória, uma luta brilhante em que congregou a arte e a cultura eruditas à cultura popular brasileira (Figura 14).

Por meio dela se apresentou aos apreciadores seu simbolismo entre religiosidade, fantasia, grafismos da fauna e da flora nordestinas, traduzindo o imaginário popular do qual remete ao universo Armorial.

Como uma das estratégias para sensibilização por meio da temática dos 5 R's escolheu-se o gênero literário popular “cordel”, sob o título: **“Não Fuja desta parada diga logo seu sim”** que será desenvolvido no subitem a seguir.

A técnica de impressão xilogravura é a arte figurativa da cultura popular que, no Brasil, também ilustra os folhetos de literatura de cordel, desenvolvidos por xilógrafos em tipografias artesanais a partir de uma matriz em madeira comprimida sobre o papel.

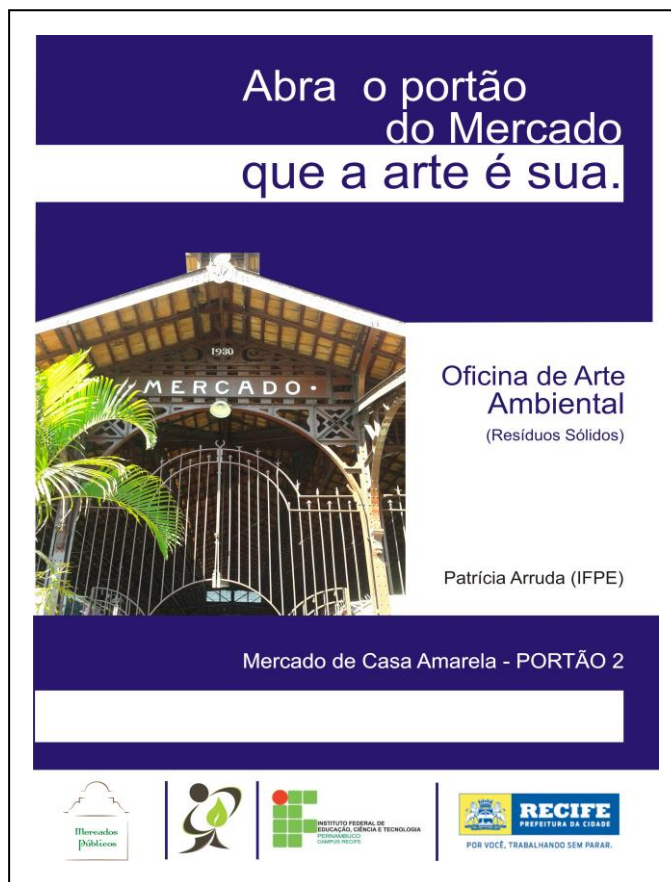
Escolheu-se a técnica da xilogravura por dois principais motivos: primeiro por ser uma técnica que se utiliza como base para as releituras das imagens de estética Armorial, como representação dos pressupostos do movimento, aliando o erudito ao popular em sua essência; e, segundo, por se adequar às discussões em torno das problemáticas sociais expostas nas temáticas ambientais, resgatando elementos que denunciam e também valorizam as paisagens nordestinas. No Movimento Armorial em Pernambuco tem-se como cordelista e xilógrafo reconhecido dentre tantos outros J. Borges da cidade de Bezerros.

3.3.1 Elaboração dos materiais das Oficinas

Para a preparação da 1ª e da 2ª Oficina no Mercado de Casa Amarela, foram realizadas duas sessões de fotos: a primeira para a criação do cartaz (Figura 15) e outra na primeira visita para a apresentação da proposta, carta de apresentação (APÊNDICE E) ao administrador do Anexo II do mercado, o qual prestou acolhimento.

A elaboração do Cartaz/Convite “Abra o Portão do Mercado que a arte é sua”, de autoria da professora do Curso de Design Gráfico do IFPE, *Campus Recife*, Elizete Coelho.

Figura 15. Cartaz/ Convite da Oficina de Arte Ambiental realizada no Mercado de Casa Amarela, Recife - PE.



Fonte: Arruda (2015).

O cartaz remete a ideia de que este mercado do bairro de mesmo nome, Casa Amarela, faz referência a uma grande casa, na qual o mercado seja a sala de visitas que se abre para o povo. A porta refere-se ao portão que é usual nas fachadas dos mercados públicos e entrada para receber os convidados, usuários e permissionários, para fazerem arte do povo. O mesmo tem uma faixa branca abaixo designada para colocar as datas das oficinas, caso precise ocorrer mais de uma oficina.

Na Figura 16 pode-se observar que o local escolhido é um espaço limpo, amplo e preservado para atender e chamar a atenção do fluxo de frequentadores e transeuntes.

Despertando o potencial criador dos seus participantes, as oficinas tiveram um tempo médio de duração de 1:30, procurando refletir sobre a possibilidade da colaboração teórica dos conhecimentos gerados, a partir de uma reflexão sobre um problema que afeta a paisagem do ambiente do mercado em relação aos seus resíduos e ao seu patrimônio natural e cultural.

Figura 16. Espaço das oficinas no Anexo II do Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

Mumford (1961) declara ser o mercado um espaço de troca em duas vias: a de mercadoria e a da convivência, resgatando as origens medievais, onde se tem a presença de mercadores, pescadores, artesãos de saltimbancos, artistas e trovadores.

Os equipamentos móveis utilizados pertencem ao próprio mercado; ampla mesa construída com compensado e apoiada em carrinhos de supermercado, Ação coordenada antecipadamente pela administração do mercado e alguns permissionários. Os *banners* temáticos de educação ambiental e de arte Armorial foram fixados no pórtico de entrada. Os cavaletes se posicionaram com o cartaz numa sinalização horizontal indicativa. E dois cartazes também foram fixados nas colunas, próxima a oficina. Sobre a mesa foram dispostos os materiais (Figura 17) a seguir.

Figura 17. 1º Oficina no Mercado de Casa Amarela, anexo II.



Fonte: Arruda (2015).

O Movimento Armorial é importante como resgate do novo conhecimento, um dos fundamentos da proposta da Abordagem Triangular.

Atendendo ao outro fundamento, a releitura da obra de arte, utilizou-se no lugar da xilografia a técnica de Isografia, ou seja, impressão com matriz de isopor, por ser mais eficaz para ser desenvolvida em tempo reduzido de simples manejo, sustentável, por reutilizar isopor, além de ter similaridade com xilogravura.

As imagens impressas na capa do cordel especialmente preparado possibilitaram-se ao participante fazer uma marca própria como parte do processo de criação individual, a partir da isografia ao “carimbar” como uma maneira simbólica de contribuir ativamente perante o meio ambiente.

Após a reflexão ambiental e suas implicações, de posse dos materiais necessários para a prática artística, foi apresentado um mapa mediador de uma obra do movimento Armorial, fazendo sua contextualização histórica e descrição estética baseada nas recomendações de leitura de imagens segundo Barbosa (1998).

Refletir sobre o papel e as possibilidades da Abordagem Triangular neste contexto do mercado público, faz necessário citar que:

a arte-educação contemporânea, representada por esta Proposta Triangular do Ensino da Arte propõe a interdisciplinaridade como forma de construção de conhecimento e, quando realizada na sua plenitude, permite, inclusive, o trabalho transdisciplinar. Segundo a criadora da proposta, o trabalho dos arte-educadores, no sentido de despertar a consciência para o meio ambiente, não é menos importante.

Temos que nos aliar a outros especialistas – sociólogos, ecologistas, cientistas, geógrafos, bem como arquitetos, urbanistas, comunicadores, psicólogos sociais e antropólogos na luta em busca do equilíbrio entre preservação e desenvolvimento, que conduz a uma melhor qualidade de vida e do meio ambiente natural. Os

problemas do meio ambiente podem ser resolvidos através de análise e decisões multidisciplinares. A educação ambiental somente terá sucesso se envolver um grupo multidisciplinar em processo interdisciplinar de ensino-aprendizagem (RIZZI e ANJOS, 2010, p. 29)

Sem perder de vista a informação ambiental, nos conceitos da política do 5R's, nestas oficinas foi apresentada, paralelamente, os benefícios desta Abordagem, como sendo um instrumento provocador de reflexões, mudanças e atitudes baseada na referência do ensino da arte vivenciada no Brasil.

Paralelamente, apresentam-se alguns materiais e sugeriu-se aos participantes que fizessem a sua leitura do *banner* Armorial, ou seja: reinventasse, do seu jeito, algo que fizesse sentido para uma marca pessoal, personalizada e depois aplicasse no suporte para ser impresso na capa de um cordel.

Os materiais que foram identificados como resíduos: papelão, isopor e canetas sem tinta, tornaram-se instrumentos para se realizar estas marcas.

Os frequentadores, permissionários e usuários do mercado plenos de suas individualidades e sentimentos, imprimiram sobre papelões a sua capa do cordel mediados pelos bolsistas os quais seguiram as orientações de uso dos materiais e de releitura encorajando-os para um momento espontâneo e singular de criatividade.

Nesta direção, Rizzi e Anjos (2010, p. 34) ilustram essa ideia quando dizem que: “vivenciar a qualidade estética é uma experiência que transborda para todas as áreas do ser e do conhecimento”. Nesse sentido, as pessoas tornam-se mais atenta quando esteticamente afinada por suas referências pessoais e culturais.

As perguntas abertas segundo recomenda Bardin (2008), realizaram-se para compor a entrevista aos participantes da oficina com teor artístico-ambiental. Os integrantes do grupo GPISMP, com auxílio da câmera de vídeo e de seus celulares filmaram as respostas posicionados a frente da janela interativa, seguindo o roteiro de duas perguntas:

1. O que representou esta oficina para você?
2. Em que a sua produção irá contribuir para o planeta?
3. O desenho que você imprimiu na capa de seu cordel tem algum significado para o seu dia a dia?

Observados os conteúdos sentiu-se a necessidade de agregar a exclusivamente na segunda oficina (Pergunta 3), para complementar a prática de artes visuais na oficina

A Janela Interativa é um recurso pedagógico para educação ambiental,

interdisciplinar em mercados públicos identificado por Nascimento⁹ (2014), como artefato em forma de moldura construído de papelão, com jornais e revista lembrando uma janela e com potencialidades para sensibilização socioambiental, com significantes resultados como um projeto no qual foram verificados pontos positivos.

A mudança de hábitos é, de fato, um grande desafio para a sustentabilidade socioambiental. No entanto, a proximidade com a realidade das pessoas, a descontração, no sentido de ser algo leve e não imposto, podem facilitar o processo de conscientização e sensibilização.

O Projeto Janela Interativa não é algo cerrado, rígido, muito pelo contrário, é um projeto que busca adaptações e melhorias, sempre. Que apresenta resultados dentro de um contexto maior de ações para educação ambiental; e que se transformou em instrumento pedagógico diferenciado para o grupo interdisciplinar de ações para sustentabilidade socioambiental em mercados públicos do IFPE, (SANTOS, 2013, p. 15).

Portanto, a Janela Interativa presta-se como equipamento didático para o enriquecimento das atividades desenvolvidas, foi reutilizada de material descartado do lixo. Sendo esta de menor tamanho em relação a que foi apresentada originalmente por Nascimento (2014), em outras ações do GPISMP. Outra característica desta janela é a de se adaptar ao espaço da pesquisa, facilitando a mobilidade e transporte, customizada com a pintura de alguns elementos da estética Armorial no seu arranjo em preto sobre o material de isopor branco.

O texto do cordel temático dos 5R's "**Não fuja dessa parada e diga logo seu sim!**" apresenta, por meio de rimas, a responsabilidade do cidadão para uma atitude: dizer "SIM", para atender às recomendações do 5R's no contexto ambiental de Mercados Públicos.

Desta forma, apresenta-se seguidamente, a capa do cordel em branco, com sugestão para ilustração a ser impressa artesanalmente pelo participante, seguindo com o texto do cordel convite, para a participação da oficina de Arte Ambiental com seu conteúdo ressaltando a importância de reciclar os resíduos mostrando as características dos 5R's uma a uma. Concluindo com uma sugestão da idéia de adoção da campanha (5R's) para a transformação de um planeta mais sustentável.

⁹Relatório Final 2013-2014 do Projeto de Iniciação Científica, intitulado "Janela interativa como potencializadora da educação ambiental, do design e da comunicação em mercados público" de autoria do estudante-pesquisador CNPq- Rhay Rhuan Santos do Nascimento.

**Não fuja dessa parada e
diga logo seu "sim"!**

**Fátima Figueiredo
2015**

-2-

**Atenção peço ao senhores
e ás senhoras presentes.
Buscando conscientizar e educar
nossa gente
Sobre a tal da reciclagem como
arte ambiental
Dentro de uma abordagem
da Estética Armorial**

**Falo sobre a importância de
reciclar os resíduos
Vale colar pintar plástico,
papel e tecido.
Chame esse de rétalho cómo
o nordestino gosta.
Exponha em xilogravura, venda,
troque ou faça aposta**

-3-

Carimbe a sua obra como manda
a tradição

Identifique as raízes, use forma
de brasão

Não se encha com tostão, se
inspire nos fazendeiros

Acredite no seu preço, corra pra
ganhar dinheiro.

No tocante à reciclagem existem
cinco princípios.

A fim de estimular ao povo educação

E a terra então melhora a
qualidade de vida.

E o mundo ganha progresso com
os 5 Rs em ação

-4-

“Repensar” eis o primeiro que
busca conscientizar

A tua necessidade de usar ou
descartar

Cuide do Meio Ambiente como um
grande dever

Faça bem a sua parte, não
espere acontecer

“Recusar” é o segundo que te
convida a ação.

Recuse o desnecessário, cumpra
com sua missão

Escute bem meu conselho que o
Planeta agradece

Com impactos ambientais o céu
e a Terra perecem

-5-

Eis que surge o "reduzir" como
terceiro da lista

Te convidando a agir de uma
forma genial

Prefira só os produtos que têm
durabilidade

E que só gerem resíduos de
menor potencial

Procure "reutilizar" tudo ao seu
alcance

Esta é a Quarta missão que tu
tens como princípio

Abra o olho e reaproveite, com
carinho pense nisso

Pois não devemos jogar aquilo
que não é lixo

-6-

Por fim vem o "reciclar," mas a
ordem não importa
A Arte Armorial cobra de ti a
resposta
Para em tudo que puderes
envolver ou transformar
E o nosso Planeta Terra sempre
te agradecerá

Eis que agora se encerra esse
cordel que surgiu
Com uma grande missão para
o povo do Planeta
Adotar os Rs numa campanha
fim
Não fuja dessa parada e diga
logo seu "sim"!

Mestranda Patrícia Arruda

**Grupo interdisciplinar de pesquisa
em mercados públicos**

IFPE

Mestrado Profissional em Gestão Ambiental

Diagramação: Ruan Maia
Impressão: Gráfica IFPE

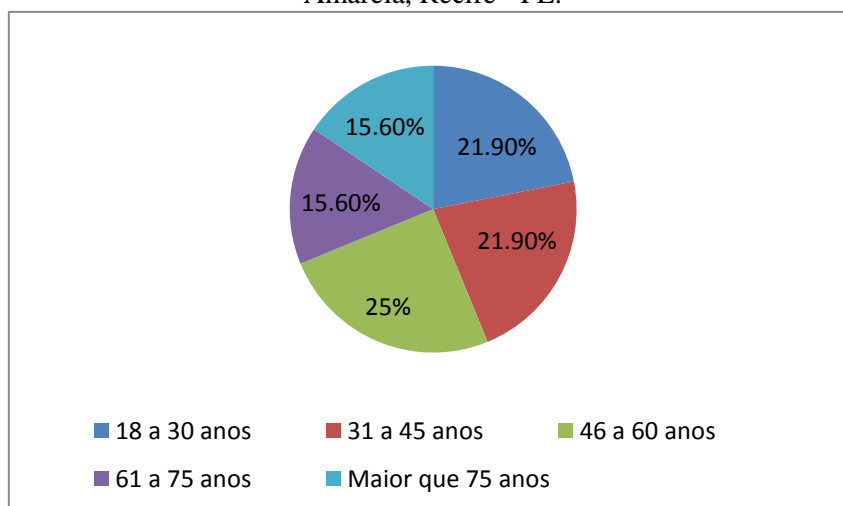
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES - Abrindo as Janelas do mercado para a Educação Ambiental

4.1. Análise dos questionários

Dos 32 (trinta e dois) questionários semiestruturados aplicados, contendo questões relacionadas aos dados de identificação dos sujeitos e temáticas: resíduos sólidos, meio-ambiente e arte, objetivando fazer um diagnóstico socioambiental dos permissionários do mercado, para identificar os sujeitos que trabalham neste espaço, além de aspectos relacionados à estrutura física do mercado e aos impactos ambientais existentes.

Constatou-se que 56% são do gênero masculino e 44% são do gênero feminino. Os 25% dos entrevistados pertencem à faixa etária de 46 a 60 anos, conforme **(Gráfico 1)**. Com relação aos dados de identificação dos sujeitos averigua-se que 31,20% têm idade acima de sessenta anos, conforme **(Gráfico 1)**. Estes já completaram o tempo para se aposentarem, no entanto continuam trabalhando. Esse dado revela que, possivelmente, se trabalhando com um membro da família, terá um sucessor, tornando uma tradição o trabalho no mercado. Passar de pai para filho, de funcionário a dono é o que faz a tradição comercial perdurar nestes espaços públicos que são 50%.

Gráfico 1. Distribuição por faixa etária dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife - PE.



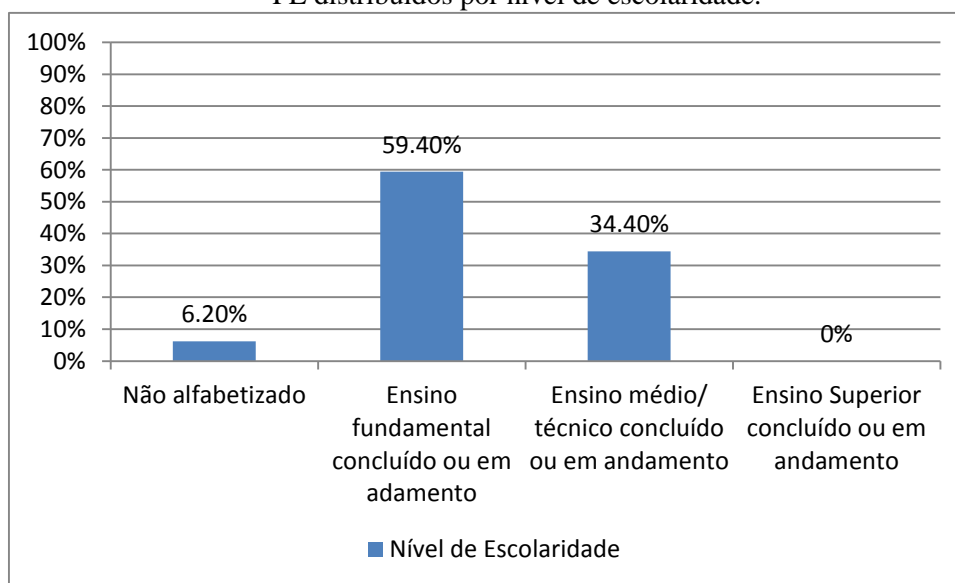
Fonte: Arruda (2015).

Foi identificado que a faixa de idade acima de sessenta anos (Gráfico 1) é maior que as demais. Supõe-se que estes permissionários são aposentados e que trabalham para

aumentar a renda ou por que não queiram parar de trabalhar, fazendo parte de uma população ativa que almeja melhorias adequadas para seu ambiente de trabalho. Fazendo uma analogia entre o tempo de trabalho com o gosto pelo que faz, provavelmente essa categoria tenha desenvolvido, com o tempo de permanência, afeição por seu ofício de mercador e, por conseguinte, uma teia de laços afetivos com fregueses, vizinho de banca, funcionários e visitantes, tornando-se um terreno fecundo para participar de novas propostas.

Registrou-se que 93,80% dos entrevistados são alfabetizados, onde 34,30% estão com o ensino médio concluído ou em andamento, conforme (Gráfico 2). O elevado número de permissionários alfabetizados indica potencialidades para a implementação de propostas educativas na área ambiental. Segundo Freire (1980), a educação tem o potencial de transformar as pessoas.

Gráfico 2. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela Recife – PE distribuídos por nível de escolaridade.



Fonte: Arruda (2015).

A maior parte, 59,40% dos entrevistados (Gráfico 3), incluiu o homem como parte do meio ambiente, exemplificado nas falas dos:

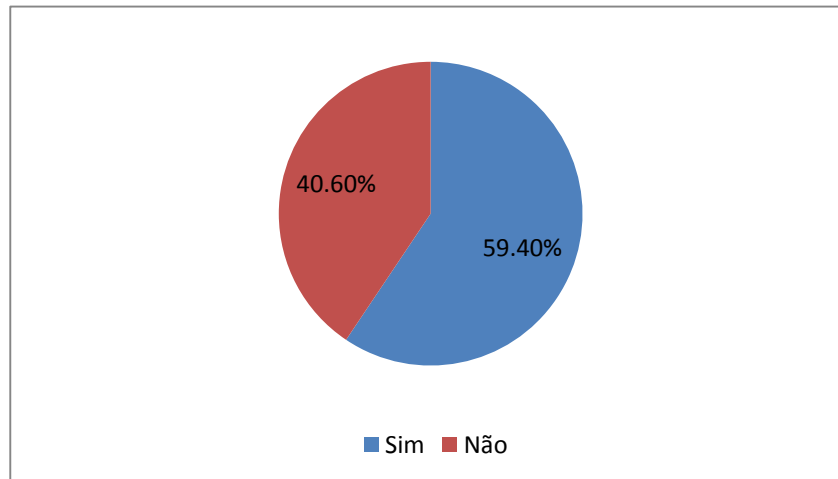
P.16 “*única forma de sustento de vida*”,

P.17 “*somos vida e temos família*” reconhecendo que as informações sobre meio ambiente não ficam somente nas questões de mudanças climáticas e catástrofes naturais, mas que têm a preocupação com a melhoria da qualidade de vida. Exemplificada em Ostrower, (1977, p. 145):

O indivíduo ampliará a sua sensibilidade, todo o seu ser, a partir de valores

íntimos e valores que ele compartilha com outros membros do contexto cultural, numa visão de vida global em que o sentido da existência individual fosse vinculado ao sentido da coletividade.

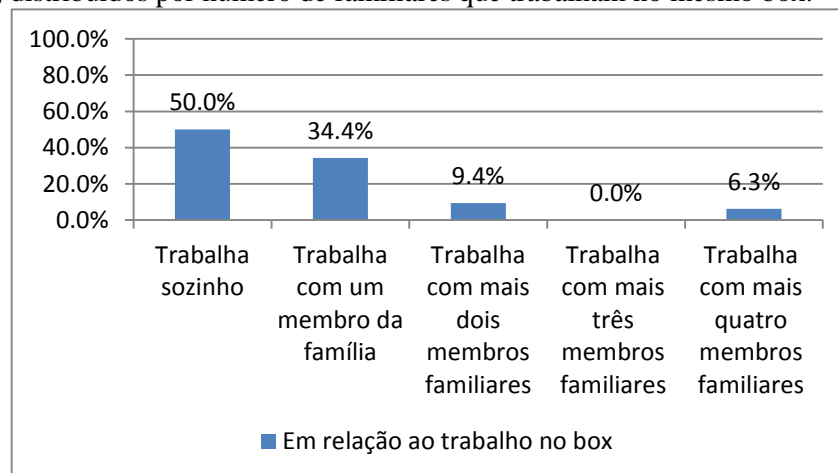
Gráfico 3. Percentual de permissionários do mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, interessados sobre o meio ambiente.



Fonte: Arruda (2015).

Constatou-se que 50% dos permissionários trabalham sozinhos em seu box, 34,40% trabalham com um membro da família e 6,30% trabalham, no mínimo, com quatro familiares (Gráfico 4). Este fato pode ser um obstáculo para que os mesmos participem das atividades propostas pelo grupo, no entanto, quando ocorrem dificuldades buscam-se estratégias para atender o perfil diferenciado dos permissionários e frequentadores do mercado.

Gráfico 4. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por número de familiares que trabalham no mesmo box.



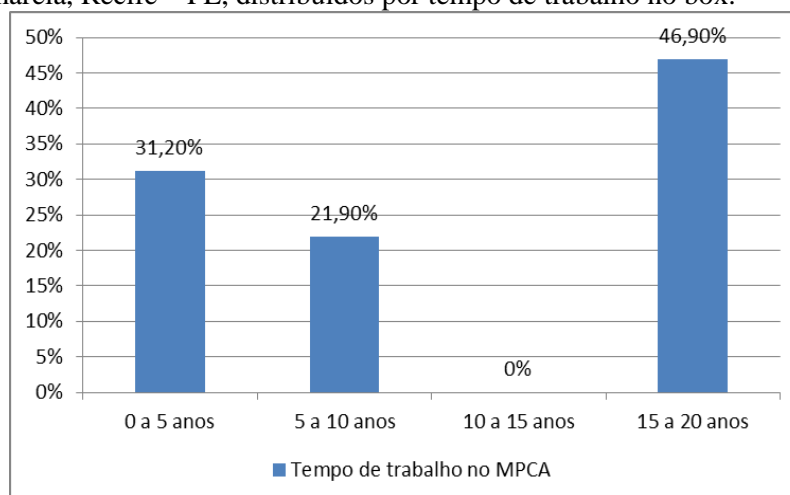
Fonte: Arruda (2015).

No universo pesquisado predominou os que trabalham há, pelo menos, 10 anos, perfazendo 43% dos entrevistados (Gráfico 5). Este dado é importante, pois denota que o

permissionário possa ter adquirido uma identificação com seu ofício, esse fato levar ao conhecimento maior, fregueses fiéis, uma aproximação com os vizinhos de Box podendo fazer vínculos afetivos com o local de trabalho, portanto um terreno fértil para se desejar um local asseado e sustentável.

Ampliando a ideia de tempo de trabalho no Box averiguou-se que 46,90% que têm de 15 a 20 anos de trabalho no Anexo II do mercado (Gráfico 5). Considerando ser este local de trabalho uma opção de subsistência estendendo-se por todos esses anos, este local ganha vínculo afetivo como diz Pitaudi (2006). Portanto, o mercado poderá vir a ser um local agradável e limpo por adquirir esse vínculo afetivo. “E quando ao sugerirem-se atitudes para melhoras, no que diz respeito à reutilização dos resíduos descartados encontra apoio na resposta do P. 09 - O que for para melhor sempre é bom”.

Gráfico 5. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por tempo de trabalho no box.



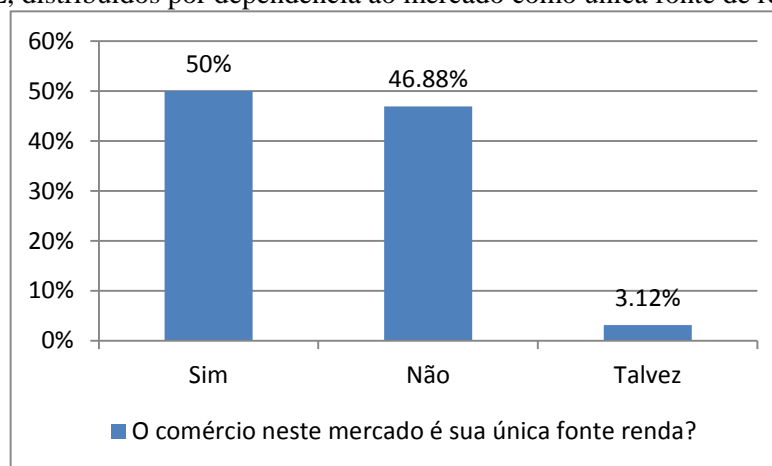
Fonte: Arruda (2015).

Considerando que 46,90% dos pesquisados estão trabalhando neste espaço desde sua inauguração (Gráfico 5), nota-se, também, que há uma ligação afetiva pelo seu local de trabalho, colocando seus descendentes para continuar sua profissão.

Quando perguntados se “o mercado de Casa Amarela é a única fonte de renda?”, 50% dos permissionários informaram que sim, 46,88% disseram que não e 3,12% não souberam informar com exatidão (Gráfico 6). Como se pode observar na estatística do Gráfico 6, o percentual de pessoas que dependem da renda do mercado para sobrevivência é muito elevado (46%), necessitando de políticas públicas que contribuam no desenvolvimento destes espaços, aumentando as suas ofertas de serviços que muitas vezes ficam esquecidos e, por conseguinte

afastando seus frequentadores diante das facilidades e modernizações dos grandes supermercados e estruturas complexas de atendimento, embora nestes o custo e o apelo ao consumismo é mais acentuado, na qual ficou claro no desabafo de um permissionário quando declarou: P. 17 “*Gostaria de ter uma agência bancária para atrair um público que vai fazer pagamento*”.

Gráfico 6. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por dependência ao mercado como única fonte de renda.

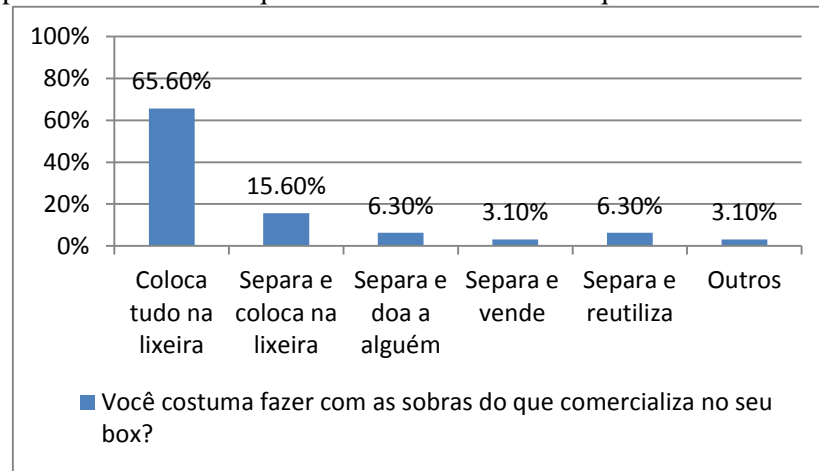


Fonte: Arruda (2015).

Quanto ao comportamento dos permissionários perante os resíduos sólidos, 65,60% informaram que colocam tudo na lixeira, 15,70% afirmam reciclar, doar, vender e/ou reutilizar os resíduos gerados (Gráfico 7). O P. 16 diz: - “*Eu dou as sobras de pó de metal das chaves para um artista plástico e vendo para reciclagem*”. Este depoimento vem coadunar-se com o objetivo da pesquisa constatando uma prática de reaproveitamento dos resíduos nele gerado. Ficou clara a parceria do artista com o mercado, pois os resíduos gerados pelas modelagens das chaves são finíssimos demandando habilidade e boa vontade para juntar denotando um ponto positivo para o sujeito ecológico.

Considerando que bem-estar tem uma estreita relação com o consumo de bens e de produtos Mazini (2008) defende a ecoeficiência do produto, ou seja: fazer produtos em que seja empregado o menor consumo de recurso, de qualquer natureza. Portanto, a sustentabilidade e seu conceito em produtos e serviços apontam como uma das possibilidades de pensar as soluções acerca da abordagem sistêmica: planejamento, produção, execução, uso e descarte que têm características de pensar o produto ou o serviço de maneira que promovam a sustentabilidade.

Gráfico 7. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife - PE, distribuídos por costumes diários quanto as sobras de resíduos que comercializa em seu box.

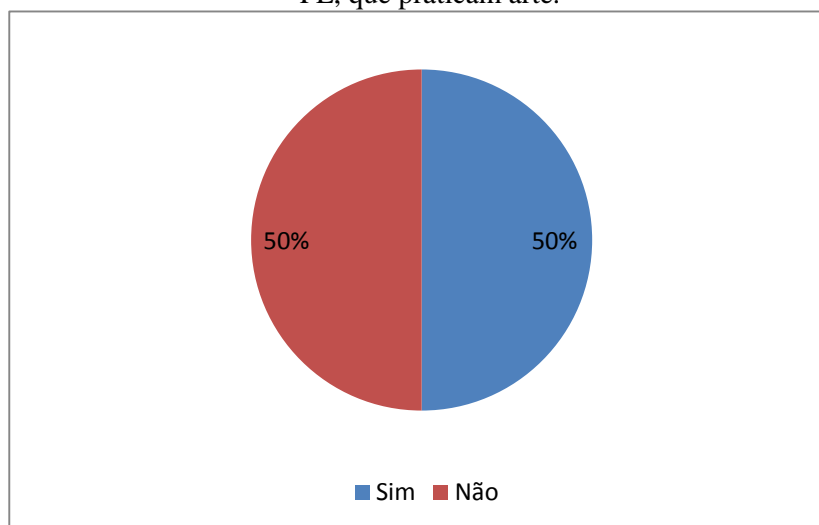


Fonte: Arruda (2015).

No Gráfico 8 também perguntou-se aos permissionários do mercado e frequentadores se eles realizam algum tipo de arte e 50% dos pesquisados responderam que não fazem arte. Os 9.4% que declararam fazer arte incluíram prática de esporte como arte, por se tratar de uma atividade de lazer, ou seja, para estes a arte é considerada como lazer, provavelmente por se tratar de uma atividade extra ao trabalho.

Notou-se, também, o percentual de 28% não ter respondido por não conhecerem nada sobre o assunto, tornando-se um índice elevado em comparação aos que conhecem, mas não fazem e aos que fazem, mesmo achando que esporte é arte. Observa-se que existe um distanciamento da arte como conhecimento, entretanto Ott (1999, p. 113) declara que “[...] Esta aproximação proporciona a descoberta de que a arte é conhecimento e sendo assim proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura”.

Gráfico 8. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife - PE, que praticam arte.



Fonte: Arruda (2015).

Pode-se verificar que 71,90% dos que responderam (Gráfico 9), têm interesse em participar de oficinas de artes voltadas a reciclagem demonstrando um ponto positivo e que precisa ser efetivado. Manzini e Vezzoli (2002), afirmam que para entender um quadro geral de procedimentos no *design* o projeto deve ser: tecnicamente viável, ecologicamente necessário e culturalmente apreciável. Fazendo um paralelo com o estudo pode-se adaptar a qualquer projeto que envolva o meio ambiente, seja *design* industrial ou artesanal.

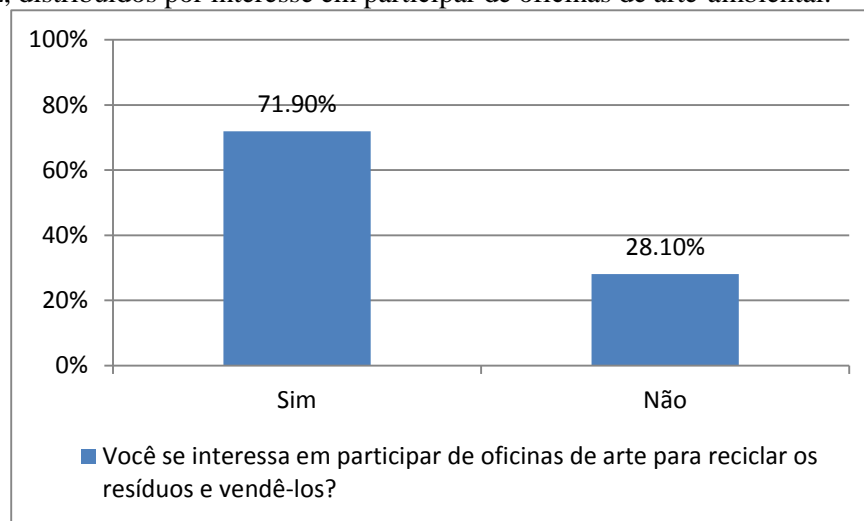
Cerca de 6,5% relataram já desenvolver atividades cotidianas de: doação de sobras de comida, latinhas, vidros, computadores, pó de ferro a vizinhos, fornecedores, Organizações Não-Governamentais (ONG's) e artistas. Enquanto que outros afirmam vender ferro e demais resíduos para ferro-velho. Apenas um, 3.10 % alega não gerar lixo. Conhecer e refletir sobre esses problemas levam os participantes a um conhecimento ecopedagógico, no que diz respeito a uma lógica educativa, a qual não só abrange o ambiente escolar, mas também toda a sociedade, além de valorizar a diversidade cultural (GADOTTI, 2000).

Apesar de os 28,10% declararem não ter disponibilidade para participar das oficinas (Gráfico 9), apontando o tempo como empecilho, e dos que declararam o desejo em participar apontarem o tempo e horário como um fator negativo, identifica-se neste universo que 9,5% dos que gostariam de participar, expressaram o desejo de aprender a reciclar com garrafas de Politereftalato de Etileno - PET.

Conclui-se que o tempo é o fator preponderante para não participar das oficinas assim como não ter quem os substitua nos seus postos de trabalho, o que se refere a 44% do universo pesquisado. Como já relatado anteriormente neste trabalho dissertativo, são

necessário ajustes de planejamento para atividades educativas realizadas nos mercados públicos por causa de sua especificidade.

Gráfico 9. Percentual dos permissionários entrevistados no mercado público de Casa Amarela, Recife – PE, distribuídos por interesse em participar de oficinas de arte-ambiental.



Fonte: Arruda (2015).

O Quadro 2 descreve a caracterização dos seguimentos comercializados no Mercado de Casa Amarela – Anexo II, onde se observa que alimentos e bebidas têm o maior índice, significando que a maior quantidade de resíduos é produzida nestes segmentos, onde as vendas são em atacado e varejos descartam-se as embalagens de plásticos, caixas de papelão garrafas de vidro e garrafa de pet em maior quantidade. Conforme diagnóstico socioambiental. Portanto, as estratégias socioeducativas planejadas para este espaço devem considerar estes resíduos.

Quadro 2. Caracterização dos segmentos de comercialização identificados no Anexo II do mercado público de Casa Amarela, junho/ 2015.

SERVIÇOS	ALIMENTOS E BEBIDAS	ARMARINHO	CEREAIS E ESTIVAS
<ul style="list-style-type: none"> - Afiador de facas e tesoura - Serviço de reparos de Eletrodoméstico - Chaveiro - Sapateiro 	<ul style="list-style-type: none"> - Lanchonete - Sorveteria - Restaurante - Bebida - Bar - Ervas - Condimento 	<ul style="list-style-type: none"> - Vestuário (meia) - Panos - utilitários (chão, tapete e prato) - Importado - Artesanato - Alumínio - Descartável - Celular 	<ul style="list-style-type: none"> - Cereal - Carnes e embutidos - Comidas diversas (bolo, laticínios, outros)

Fonte: Arruda (2015).

No foco de interesse desta pesquisa são os resíduos sólidos e não resíduos orgânicos. No entanto, constatou-se, através da oralidade, que os permissionários dos restaurantes existentes no mercado pesquisado doam as sobras das comidas no local ou levam para casa a fim de também para doarem aos vizinhos. Essa é uma atitude positiva, evitando, assim, o desperdício e o descarte inadequado de resíduos, que pode ser um facilitador de vetores de doenças. Além da enquete por questionário também se realizou uma entrevista com os sujeitos que participaram das oficinas educativas, para coleta de dados nesta pesquisa.

4.2 Análise das Oficinas

Nesta seção analisaram-se os resultados das oficinas (Piloto, Primeira e Segunda), questionários, entrevistas e imagens produzidas nessas oficinas. A partir da análise dos questionários aplicados faz-se necessário a sua divisão por partes, entendendo que a pesquisa ocorre no mesmo espaço e em dias diferentes, de acordo com o seguinte detalhamento (Quadro 3):

- 1ª Oficina: dia 12/06/2015;
- 2ª Oficina: dia 02/07/2015.

Quadro 3. Descrição metodológica das etapas para realização das oficinas de arte-educação-ambiental no Mercado de Casa Amarela, Recife – PE.

Etapas	Conteúdo	Instrumentos
1ª	Planejamento	Plano de trabalho Plano de aula
2ª	Preparação do espaço e materiais Autorização do Administrador do Mercado/ Prefeitura Higiene dos resíduos	Transporte Carta Materiais de suporte: sabão e luvas
3ª	Divulgação	Cartazes
4ª	Realização das oficinas 1ª parte: Abordagem Ambiental 2ª parte: Abordagem Triangular	Mobiliário (bancos e mesas) <i>Banner</i> (2) Materiais de apoio
5ª	Registro das entrevistas “Janela interativa”	Câmara de vídeo e gravador de áudio. Computador
6ª	Exposição dos artefatos produzidos “Portão da Arte ambiental”	Praticáveis, câmara fotográfica. Computador Mobiliário (bancos e mesas)
7ª	Encerramento da oficina Recolhimento de materiais e avaliação	Transporte

Realizaram-se a primeira e segunda oficina no Anexo II do Mercado de Casa Amarela (APÊNDICES C e D), a qual teve a divulgação por meio de cartazes e verbalmente, com participação de 11 (onze) pessoas, entre Permissionários (P) e Freqüentadores (F), cuja organização do espaço foi realizada pelos funcionários do mercado, gestor e bolsistas do GPISMP-PE.

No primeiro momento, houve o acolhimento do público interessado, sendo expostos os *banners* da Estética Armorial e da Educação Ambiental demonstrando os objetivos, conteúdos e processos a serem desenvolvidos durante a oficina.

Houve a participação efetiva do público envolvido durante a exposição oral dos *banners* temáticos da Educação Ambiental, enfatizando a problemática dos resíduos sólidos, especialmente dos mercados e a política dos 5R's.

Para complementar e ilustrar essa abordagem foi realizada, com a participação de todos, a recitação do Cordel “**Não fuja desta parada e diga logo seu sim**”, por ser um gênero literário reconhecido que tem afinidade com os frequentadores do local, como já exposto em sessão anterior. Este cordel teve o propósito de ser um material multiplicador da política dos 5R's, distribuído para o público que participou da oficina, o qual serviu de suporte para ser trabalhado na Abordagem Triangular em seguida.

O segundo momento ocorreu por meio da Abordagem Triangular, com a explanação do *banner* comemorativo “6 anos do IFPE” (Figura 12), por meio do qual foi contextualizada a obra e a estética Armorial de Ariano Suassuna, desenvolvidas em seus elementos: citação, caricatura e os grafismos que reunidos complementaram a informação.

Os elementos que foram trabalhados nessa etapa levaram ao público participante uma retomada das origens nordestinas descritas nos grafismos Armoriais, como um momento de contemplação visual, enriquecido com o material utilizado no ofício de vaqueiro nordestino, o ferro de marcar animais, que utiliza de sua arte de trabalhar com o ferro, uma matriz que se utiliza de marca personalizada que o fazendeiro faz uso para marcar o seu rebanho. Esta prática conta com a participação de serralheiros e artífices que criam tipos (fontes) em formato criativos utilizando as iniciais dos nomes e sobrenomes, e a sua inventividade sem quaisquer estudos acadêmicos. Contudo, com um valor estético reconhecido e estimado por todos da região.

Utilizando-se desta premissa da “Marca”, o cordel também é trabalhado a sua capa com a técnica de Isografia e impressa em papelão. Utilizando-se dos resíduos do mercado (papelão e isopor plano), para a criação da matriz, como uma forma de reciclar o próprio

resíduo do local. De posse dessas informações, os participantes realizaram suas matrizes, trazendo como tema os grafismos Armoriais e sua experiência de vida, sintetizados.

Essa atividade de impressão da marca na capa do cordel foi realizada apoiada em mesa adequando-se ao espaço, utilizando-se de tintas, pincéis e outros instrumentos para corte, retirados de objetos (canetas inutilizáveis para escrever) descartados e a própria matriz com o suporte de isopor plano reutilizando embalagens descartadas.

Como testes das imagens foram fixados em um painel a exposição das isografias na parede posterior ao espaço da oficina, concluída assim esta parte.

Os participantes, ao exporem suas produções, eram encaminhados para responder a enquete e os colaboradores do GIPSMP-PE se posicionaram para entrevistar e registrar em fotos e vídeos com seus celulares, a fim de registros mais detalhados das atividades desenvolvidas.

Os frequentadores da primeira e da segunda oficina tiveram um desempenho bastante satisfatório, visto que era um público adulto e sem iniciação artística, destacando-se a presença de um sujeito de quase 90 anos de idade, na segunda oficina. Os mesmos demonstraram interesse em participar de outras oficinas para aprender outras técnicas com mais tempo de duração.

A Janela Interativa, como um equipamento didático, foi um significativo argumento para convencimento de resposta para as enquetes, tornando-se um objeto lúdico no qual se abriram outras janelas, não só as físicas, mas, as janelas que contemplem um novo ambiente sustentável em mercados públicos.

Os resultados obtidos nesta pesquisa contribuíram para uma compreensão de como os espaços de Mercados Públicos se mostram como ambiente que poderão transformar ações de seus interlocutores, conscientizando as atuações de preservação ambiental por meio da arte a partir da Abordagem Triangular.

A atuação de arte-educação ambiental para os mediadores ambientais e arte-educadores transmitiram a construção da percepção ambiental a partir do conhecimento interdisciplinar da arte e da natureza para a comunidade envolvida.

4.2.1 Oficina Piloto

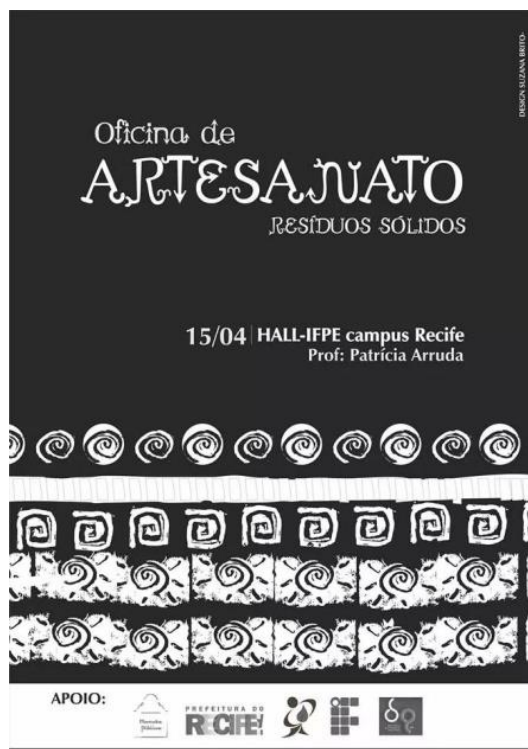
O enlaçamento de práticas, processos e técnicas demandadas pela metodologia planejada verificaram-se a necessidade de aplicar a em modelo experimental, uma oficina piloto nas dependências do IFPE, a fim de obter-se um aproveitamento correlativo às

oficinas no Mercado de Casa Amarela.

A oficina de caráter experimental foi realizada em 01 de junho de 2015, no horário das 12:00 às 12:45 no *hall* de entrada do IFPE, *Campus* Recife, tal escolha deve-se a ser um espaço de acesso principal e ter um fluxo contínuo da comunidade escolar.

A divulgação foi realizada por meio verbal e de um cartaz (Figura 15). O qual foi criado utilizando-se da técnica de Monotipia e como mote projetual: “Oficina de arte-ambiental com resíduos sólidos” de temática Armorial os estudantes apresentaram suas ideias e uma comissão do curso de Design Gráfico do IFPE *Campus* Recife elegeu 1 (um) cartaz que atendeu aos critérios solicitados de autoria da estudante Suzana Brito. O cartaz foi produzido na gráfica do IFPE em tamanho A3, P/B, em papel reciclado de 80 g (Figura 15). Atendendo ao protocolo institucional, este seguiu para a assessoria de comunicação e fixados em quadros informativos oito dias antes do evento.

Figura 18. Cartaz elaborado para divulgação da oficina piloto, realizada no IFPE *Campus* Recife.



Fonte: Brito¹⁰ (2015).

Sobre a mesa foram dispostos os materiais de arte; tinta preta para artesanato, rolo de espuma, e os materiais residuais: papelão, canetas já utilizadas e pratinhos de isopor cortados

¹⁰Cartaz elaborado pela estudante Suzana Brito, do curso de Design Gráfico do IFPE *Campus* Recife.

para servir de base da matriz, um ferro de ferrar animais, todos ambientados com o tema da estética Armorial.

Os registros foram realizados por câmeras de vídeo e aparelhos celulares dos próprios participantes do GPISMP e um (01 estudante) do curso de Design Gráfico do IFPE *Campus Recife*.

Divididas as tarefas e postos para cada bolsista, em uma ação conjunta com os participantes, foram acordadas suas participações. Para a Abordagem Ambiental: 02 (dois) bolsistas; para a Abordagem Triangular: a coordenadora desta pesquisa; para os registros fotográficos: 01(um bolsista) e para o vídeográfico: 01 (um) bolsista. Não foi possível usar câmera fixa para esta oficina por falta de apoio técnico.

Este folheto também foi utilizado pelo participante para inspirar a capa do cordel, ilustrada por meio da técnica de impressão artesanal isografia. Para a criação e confecção da capa do cordel seguiram-se as etapas:

1) Abordagem Ambiental: realizada por meio de *banner* temático sobre os resíduos sólidos 5 R's, apresentado por um bolsista, o qual faz parte do material utilizado em outras ações do grupo em mercados públicos.

2) Abordagem Triangular: uma abordagem de ensino das artes que utiliza três pressupostos: contextualização histórica, conhecimento da obra de arte e a releitura da obra, já descrita anteriormente.

Por fim, foi importante durante a oficina compreender a contextualização histórica do tema Armorial, e seu mentor, o escritor Ariano Suassuna, que é detalhada a seguir:

- Apresentação dos símbolos por meio do banner comemorativo dos “6 anos do IFPE”, cuja temática também se utiliza da mesma estética. A simbologia remete ao figurativo representado por elementos isolados das ilustrações da estética armorial; sol, flor de Liz, onça, estrelas, etc.
- No momento da releitura da obra de arte a criação de uma marca própria para ser impressa, por meio da isografia na capa do cordel (Figuras 19 A e 19 B) e observou-se haver o interesse e a satisfação em participar do fazer artístico.
- Entrevista avalia-se e discute-se paralelamente com as imagens das capas do cordel. Nessa avaliação leva-se em conta à observação e as evidências de todas as ações que contribuam para o potencial arte educativo ambiental no mercado.

Figura 19. Imagens (A) e (B) Impressão por meio da isografia, Oficina Piloto realizada no IFPE *Campus Recife*, junho/ 2015.



Fonte: Arruda (2015).

Após a impressão por meio da isografia no cordel, individualmente o participante assinou seu nome e registrou sua presença em ata e autorizando sua participação na pesquisa com finalidade acadêmica respondendo a duas perguntas pré-estabelecidas, que foram videografadas utilizando-se a “Janela Interativa” (Figura 20).

“O que essa oficina representou para você? ” e

“O que esta ação poderá contribuir para o planeta?”

Figura 20. Imagem da *Janela Interativa*.



Fonte: Arruda (2015).

Os cinco participantes do GPISMP e um professor de Design gráfico dividiram as tarefas e postos em que deveriam executar e começaram a confeccionar os materiais.

Foi apresentada a política dos 5 R's, por um colaborador do grupo de pesquisa, utilizando-se de banner temático sobre os resíduos sólidos, material já adotado nas ações realizadas nos mercados públicos.

Entre as imagens escolhidas das reproduções de obras de arte, para a apreciação crítica, uma foi *banner* comemorativo dos seis anos do próprio Instituto, que foi criado com a temática do Movimento Armorial.

Nas imagens obtidas, notou-se que os participantes estabeleceram uma relação do *banner* com o que o representou. Por se tratar de uma oficina com espaço e tempo restritos, não foi possível muito detalhamento. Entretanto, obteve-se a noção de como se comportaria o público no mercado.

Finalizando a oficina piloto, os participantes avaliaram, em uma construção coletiva, e adotaram medidas a serem seguidas na oficina do mercado (Figura 21).

Figura 21. Imagens (A) e (B) Oficina Piloto, realizada no Hall do IFPE *Campus Recife*.



Fonte: Santos (2015).

Foram elas:

1 Antecipar o início da chegada dos membros do GIPSMPE no local da oficina, considerando os imprevistos;

1 Utilizar somente tinta preta na impressão, por ser a cor original da xilogravura na literatura de cordel;

2 Colar a placa de papelão no cordel, pois a cola demora a secar;

3 Tornar a Janela Interativa móvel para se adaptar às condições acústicas do mercado, quando videografando os entrevistados.

Desenvolve-se assim, as medidas adotadas para as oficinas, providenciou-se a estrutura e implementaram-se as etapas par as oficinas mercado pesquisados.

4.2.2 Oficinas: “Abra o portão do mercado que a arte é sua”.

As oficinas realizadas no mercado seguiram as mesmas etapas da oficina piloto, sendo acrescentada uma entrevista com os participantes por meio das seguintes perguntas:

a) O que representou essa oficina para você?

b) Em que a sua produção irá contribuir para o planeta?

A entrevista foi realizada pelos pesquisadores do GPISMP utilizando a Janela Interativa, 80% foram usuários e 20% permissionários, onde se averiguou 80% de

participação do gênero feminino, indicando que existe uma preocupação com o meio ambiente, o entendimento que o lixo é um problema social e que todos devem preservar. O Sujeito F.1.¹¹ relata que: “– *Representou assim, que a gente deve preservar, né? O meio ambiente, tirando do lixo o que num deve ser colocado no lixo, pra não ter mais lixo no meio do mundo, né? Estragando o meio ambiente, pra mim foi útil.*”

Foi ressaltada a funcionalidade e a utilidade da oficina mostrando que o objetivo é o aprendizado, verificado pela usuária quando diz que: “– *Representa muita coisa assim, bacana, gostei muito da reciclagem, acho que todo mundo deveria fazer esse tipo de reciclagem.* “– *Representou uma troca, né? Uma troca de informação. É por que caso, eu contribuí com um pouco do que eu sabia e entendi muito com o que vocês sabiam.*”

Contudo, para a P.1.¹² a experiência fez lembrar-se da sua infância, possivelmente por se tratar de uma oficina que traz o lado lúdico, próprio da idade infantil, principalmente quando se trata do ato de desenhar e pintar. Entretanto, poderia até se dizer que houve um desabafo por parte da permissionária descrita na sua fala: “*Hoje? Hoje eu me senti uma criança que eu nunca fui.*” Por conseguinte, a oficina de arte-educação ambiental lhe trouxe momentos agradáveis, que poderá recuperar esse tempo que talvez não fosse vivido, ou não foi lhe dada à oportunidade de ser ou de se sentir criança. Portanto, para Pinto (2010), uma das funções da arte, além de agradar o espírito, é comunicar sensações reais que sejam duradouras. Em outras palavras, é preciso que a obra de arte nos toque, nos sensibilize, nos faça perceber seu conteúdo e sua mensagem.

E para a P.1. Faz sentido, sobretudo quando mais adiante responde a segunda questão, “O que representou essa oficina para você?”, revelando em sua “isografia” se preocupar com as questões de mudanças climáticas e o mau gerenciamento das águas fluviais, imprimindo a imagem de uma árvore seca, mediante a releitura do painel da arte Armorial.

A mesma diz: *É [...]... Eu fiz uma árvore que tá seca sem flor, sem nada... Pro planeta? Eu acho que nada. Não arrancar ela, e colocar pra fazer madeira, tá faltando água, tudo ressecado. Assim, é uma árvore sem vida, aí tá faltando água, [...]. É tanta água no rio por aí à toa, deveriam ter como aguar essas árvores... pra poder elas botar flor, folhas.*

A questão ambiental foi revelada pelas abordagens Triangular e Ambiental, cumprindo assim o seu objetivo que é sensibilizar por meio da arte para questão ambiental.

¹¹ F - Frequentadores

¹² P - Permissionários

O Mostrando que a estética Armorial fez-se presente e foi declarado pelo F.3. *“Aprender mais sobre a cultura do nordeste, né?”*.

Importante também foi a resposta do sujeito F.4. *“Representou bem. A atenção que tiveram comigo”*. Denotando ter sido prestigiado ao participar da oficina mesmo por ter idade avançada retratado na Figura 22.

Figura 22. Isografia elaborada pelo funcionário 1 do mercado de Casa Amarela, Recife – PE.



Fonte: Arruda (2015).

O lixo poderá ser reciclado e que esta atitude faz a diferença no cenário planetário, quando perguntados *“em que a sua produção irá contribuir para o planeta?”*.

Para o “P.1”: *“– Menos lixo no lixo, né? Foi bem proveitoso”*. Já o “F.2” relata: *“– Eu tô fazendo minha parte, né? Espero que as outras pessoas estejam fazendo também, na minha casa eu reciclo, eu aproveito bastante, tanto retalho, garrafa pet, até o rolinho do papel higiênico eu aproveito. Eu junto pra algumas pessoas também, às vezes querem, ‘Você tem isso, tem aquilo, tem rolinho que eu quero fazer uma coisa?’ , eu junto, até meu marido reclama, ‘Que tanta coisa é essa aqui em casa?’ eu digo: ‘Não, é pra fulana’, então... adoro reciclar.”*.

O “F. 3” indaga: *“– Não sei! Cuidar mais do meio ambiente também, né?”*.

O destaque para o “F. 4” em sua fala é a: *“– Experiência.*

O “F.5” completa dizendo que: *“– Não existe lixo. Por que as pessoas não sabem reutilizar. Eu tomo conta de uma barraca de pipoca e uso os sacos de pipoca e as sacolas de supermercado pra fazer tapete com crochê.”*.

Na temática representada na série das isogravuras, constatou-se a presença marcante da religiosidade (Figura 25), da natureza (Figuras 23, 24 e 27), e de elementos da cultura nordestina (Figuras 26, 28 e 29), nas representações realizadas a partir da estética Armorial. Contudo, notou-se a presença de um personagem de desenho animado (Manda-chuva) com o chapéu de couro (Figura 29), que não está no *banner*, sendo declarado pela “F.5” que: “*Que lembro da sua infância e que para ser nordestino coloquei um chapéu*”. Podendo-se constatar que o pensamento de Paulo Freire sobre a leitura, seja ela, neste caso, de imagens, que vem a ser um ato de apropriação, de conhecimento na interação do sujeito com o mundo, com o seu meio social e cultural, por conseguinte a leitura e a interpretação dos sujeitos acerca de uma produção de obra de arte, também se constituem em um processo de construção de conhecimentos de saberes e conhecimento de mundo.

Figura 23. Isografia (A) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte realizada no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Figura 24. Isografia (B) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Figura 25. Isografia (C) elaborada pelos permissionários na Oficina de Arte no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Figura 26. Isografia (D) elaborada pelos permissionários no dia 12 de junho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Figura 27. Isografia (E) elaborada pelos permissionários no dia 12 de junho de

2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Figura 28. Isografia (F) elaborada pelos permissionários no dia 02 de julho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Figura 29. Isografia (G) elaborada pelos permissionários no dia 02 de julho de 2015 no Anexo II do mercado de Casa Amarela.



Fonte: Arruda (2015).

Portanto, a Abordagem Triangular, no que diz respeito a sua adequação ao tema, realizou seu objetivo que, segundo Ana Mei Barbosa, é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-modernista, por articular arte como expressão e como cultura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a Arte como instrumento potencializador da educação ambiental do Mercado Público de Casa Amarela. Na entrevista realizada com o administrador, permissionários e consumidores constatou-se que as políticas públicas não vem sendo implementadas nos espaços estudados nesta pesquisa.

Identificou através das entrevistas, o elevado número de resíduos sólidos com descarte inadequado por parte dos usuários, permissionários e entrevistados.

Também se pode constatar que houve interesse e curiosidade quanto às abordagens de arte-educação utilizadas como proposta de Educação Ambiental para os gestores, funcionários, permissionários e usuários e bolsistas. Contudo, existe a necessidade de alguns destes atores se adaptarem e priorizarem as ações cotidianas de arte-educação ambiental no Mercado de Casa Amarela.

As análises de Abordagem Triangular proporcionaram por meio desta pesquisa a possibilidade de consolidar uma metodologia de Educação Ambiental em Mercados Públicos por meio da arte, sob o contorno de conceitos e práticas atuais de sustentabilidade e ações sociais, apesar dos obstáculos enfrentados pela pesquisadora no que diz respeito à quantidade de colaboradores, visto a demanda alta do mercado.

Mediante as constatações, buscaram-se promover aos participantes, reflexões sobre ações de preservação do meio ambiente por meio de oficinas apoiadas nos processos de Abordagem Triangular, Política dos 5 R's, Arte Armorial, Criação do Cordel e Enquete da Janela Interativa.

Através das Oficinas de criação do Cordel pode-se estimular a criatividade dos participantes, como também refletir sobre as discussões em torno das problemáticas sociais expressadas nas temáticas ambientais, aonde o Cordel veio ratificar a presença do movimento Armorial em que seus divulgadores consideraram que a arte do povo volta para o povo, representada aqui por seus depoimentos nas entrevistas e pelas ilustrações nos cordéis.

Ressaltaram-se algumas observações realizadas pelos entrevistados quanto ao conceito de Arte. Primeiramente, os participantes atribuíram a ela o conceito de esporte, lazer e de que a sua prática leva ao ócio. Constatou-se também o predominante número de participantes do gênero feminino, com disponibilidade em desenvolver práticas sócio-ambiental de reaproveitamento de resíduos sólidos (garrafa PET). Os participantes das oficinas manifestaram interesse em dar continuidade as oficinas de isografia em artesanato.

Essa pesquisa poderá suscitar a presença das instituições acadêmicas nos mercados,

levando para o cotidiano os ensinamentos adquiridos e vice-versa, os quais serão de grande valor para formação dos estudantes tanto de Educação Ambiental quanto para os de Artes.

Nesse contexto, indica-se a continuidade deste estudo em outros Mercados Públicos de Pernambuco, a fim de melhor compreender a percepção ambiental dos respectivos públicos, e assim colaborar com propostas potencializadoras de arte-educação-ambiental direcionando a sociedade a mitigar os problemas socioambientais.

REFERÊNCIAS

AGENDA 21. Manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os esgotos. In: **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: RJ, capítulo 21, 18p. 1992.

ALBERTIM, B. **Recife: guia prático, histórico e sentimental da cozinha de tradição**. Recife: [s.n.], 2008.

ALVES FILHO, V. R. Os mercados públicos e a cidade: as transformações do mercado municipal de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v.12, n. 39, p.209–225, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/16515/9219> Acesso em: 05 dez. 2014.

AMARAL, M. T. A. Dimensão ambiental na cultura educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 88, n. 218, p. 107-121, jan/ abr. 2007. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/10/10> Acesso em: 16 mai. 2015.

AMORIM, L. F. B. A arte como agente de transformação estética, social e ecossistêmica. In: **Artes Visuais e suas conexões: panorama de pesquisa**. ZACCARA, M; PEDROSA, S. (Org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 223p.

BARBOSA, A. M. T. B. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.

BARBOSA, A. M. T. B; COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/ educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRANDÃO, C. R. **O Que é Educação?**. 33. ed., São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).

BRASIL, REPÚBLICA FEDERATIVA DO. **Constituição (da) República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 13 mar. 2015.

_____. **Lei nº. 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras

providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em 18 mai. 2015.

_____. **Decreto de lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/.../lei/112305.htm>. Acesso em: 28 jul. 2015.

_____. **Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002.** Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 13 mar. 2015.

BRITO C. M. C. O cinema e a estética armorial. In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. (Org.). II Congresso Nacional de Literatura - II CONALI - **Anais**. João Pessoa: Mídia, 2014, 1054p.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanistas, 2003.

CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARTAXO, Z. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O percevejo online**. v. 1, n. 1, p. 1-16, jan.-jun., 2009. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/431/380>> Acesso em: 16 jun. 2015.

CASSIDY, H. G. **The Sciences and the arts**. Nova Iorque: Harqper and Row, Publishers, Inc., 1962.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO - CMMAD. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CORREIA, B.C.V. et al. **Aspectos Gastronômicos do Mercado Público da Encruzilhada**. In: VII JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – VIII JEPEX, 2007. Recife. **Anais...** Recife: UFRPE, 2007. CDROM.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. 8.ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS, R. **Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2009. 196 p.

FERNANDES, Henrique José Cocentino. **Educação lúdica do olhar: abrindo as janelas da percepção**. CEFET-RN. [Monografia] - Natal, 2006. Disponível em: http://www.zoon.org.br/educa_ludica_olhar/Educacao_Ludica_do_Olhar.pdf. Acesso em: 08 Ago. 2015

FERNANDES, R. S. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 1, p. 58-74, mai. 2009. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/30/30>> Acesso em: 22 jun. 2015.

FERREIRA, A. B. de H. **MINI AURÉLIO: O dicionário da língua portuguesa**. 8.ed. Editora Positivo, 2010. 2222p.

FREIRE. P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Trad. Kátia de Mello e Silva. 3ª ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE. P. **Pedagogia do oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, v.14, n.2, São Paulo, Abr./ Jun. 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000200002>> Acesso em: 02 jul. 2015.

GASPAR, L. Casa Amarela (bairro, Recife). **Pesquisa Escolar Online**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar./index.php?option=com_content&view=article&id=574&Itemid=1>. Acesso em: 6 jun. 2015.

GASPAR, L. **Movimento Armorial**. , Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 13 ago. 2015.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405> Acesso em: 03 ago. 2015.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 8.ed. Campinas: Papyrus, 2007, 104p.

IPHAN. **Pesquisa arqueológica no Sítio da Trindade - Casa Amarela, Recife - Pernambuco**. ALBUQUERQUE, M. (Coord.). Relatório Final. v.1, nov. 2009. Disponível

em: <http://www.brasilarqueologico.com.br/relatorios/ST%20-%20Relatorio%20Final%20-%20Volume%201_WEB.pdf> Acesso em: 04 jul. 2015.

LEAL, R. E. S. A pedagogia sociocultural dos Mercados Públicos: um relato de experiência. In: **Anais do VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão, SE. 2012.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte: um guia para os pais**. MAILLET, M. (Trad.). 2.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos Teórico- Metodológicos**. 12.ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 1994.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis**. CARVALHO, A de. (Trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE - MMA. **A3P - Agenda ambiental da administração pública**. CRESPO, S. B. S.; MATOS, K. M.; ABREU, G. V. (Coords.). Brasília: DF. 5.ed. 100p., 2009. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/a3p/_arquivos/cartilha_a3p_36.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2015.

MIR, C. L. B. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. In: COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/ educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MUMFORD, L. [1961]. **A cidade na história: Suas origens, transformações e perspectivas**. SILVA, Neil R. da. (trad.). 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

OLIVEIRA, A. M. “Ensaio teórico: o significado da cultura para o turismo com base local”. **Caderno Virtual de Turismo**, v.6, n.4, 2006.

OLIVIER, G. G. F. Lúdico na escola: entre a obrigação e o prazer. In: **Lúdico, educação e educação física**. MARCELINO, N. C. (Org.). 2. ed. Ijuí: Ed: Unijuí, p. 15-23, 2003.

OSTROWER, Faiga. **Criatividade e Processos de Criação**. 1ed. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

OTT, R. W. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1999. p.113.

PELICIONI, M. C. F. Fundamentos da educação ambiental. In: PHILIPPI JR, A.; ROMÉRIO, M. A.; BRUNA, G. C. **Curso de Gestão Ambiental**. São Paulo: Manole, 2004.

PHILIPPI, A. J.; ROMÉRIO, M. A.; BRUNA, G. C. (Ed.) **Curso de Gestão Ambiental**. Barueri, SP: Manole, 2004, 1045 p. (Coleção Ambiental, 1).

PINTAUDI, S. M. Os mercados públicos: metamorfose de um espaço da história urbana. **Cidades**, 2006, v.3, n.5, p.81-100. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/505/537> Acesso em: 15 jun. 2015.

PINTO, P. E. M. Para a além de minha percepção: Um olhar sobre Ana Santiago. In: **Artes Visuais e suas conexões: panorama de pesquisa**. ZACCARA, M; PEDROSA, S. (Org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. 223p.

PORTO, M. de F. M. M. **Educação Ambiental: Conceitos e instrumentos de ação**. Belo Horizonte: Fundação Estadual do Meio Ambiente; DESA/ UFMG. 1996.

RECIFE, PREFEITURA DA CIDADE DO. Legislação Municipal do Recife. **Decreto nº 14.452 de 26 de outubro de 1988**. Institui 12 RPA's e dá outras providencias. Disponível em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br/decreto/14452/> Acesso em: 26 jul. 2015.

_____. Companhia de Serviços Urbanos - CSURB. **Histórico dos mercados**. Recife: PE. [s.d.a.]. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/servicospublicos/csurb/mercados.php> Acesso em: 19 jun. 2015.

_____. Companhia de Serviços Urbanos - CSURB. **Programa de modernização dos mercados públicos**. Recife: PE. s.d. b. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/pr/servicospublicos/csurb/modernizacao.php> Acesso em: 19 jun. 2015.

RENDEIRO, M. F. B.; SANTOS JÚNIOR, M. A.; TERÁN, A. F. O uso de trilhas para o ensino de ciências. In: 2º de Educação em Ciências na Amazônia – 2º SECAM - **Anais**. Manaus, AM. 17-21, set., 2012. 12p.

RIZZI, M. C. de S. L.; ANJOS, A. C. C. dos. Arte-educação e meio ambiente: apontamentos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental. **ARS (São Paulo)**, v.8, n.15, p.26-35, 2010.

SIMSON, O. R. de M. von; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (Orgs.). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Centro de Memória, 2001.

SNOW, C. P. **The two cultures and the scientific revolution**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1961.

SUASSUNA, A. O Movimento Armorial. In: **Revista Pernambucana de Desenvolvimento**. Recife: v.4, n.1, p.39-64, jan./jun. 1977

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. New Jersey: DIFEL, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. BEZERRA, P. (Trad.). 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ZARVOS, N.; DITADI, C. A. S. **Multissabores: A formação da gastronomia brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2000.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM OS PERMISSIONÁRIOS DO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERMISSIONÁRIOS DO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA
MESTRADO PROFISISONAL EM GESTÃO AMBIENTAL

ORIENTADORAS: Professoras Núbia Frutuoso e Rejane Rego

Mestranda Patrícia Arruda

APLICADO POR: _____ DATA _____

1. IDENTIFICAÇÃO:

Nº BANCA	
SEGMENTO	
IDADE	

2. QUANTAS PESSOAS DE SUA FAMÍLIA TRABALHAM NO SEU BOX?

3. QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

4. O COMÉRCIO NESTE MERCADO PÚBLICO É A SUA ÚNICA FORMA DE SUSTENTO?

Sim

Não

5. HÁ QUANTO TEMPO TRABALHA NESTE MERCADO?

6. VOCÊ SE INTERESSA POR INFORMAÇÕES SOBRE O MEIO AMBIENTE?

Sim

Não

Por que? _____

7. O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER COM AS SOBRAS DO QUE COMERCIALIZA NO SEU BOX?

Coloco tudo na lixeira

Separo e coloco na lixeira

Separo e dou a alguém

Separo e vendo

Separo e reutilizo

Outros: _____

8. SE VOCÊ RESPONDEU QUE REUTILIZA AS SOBRAS DO SEU COMÉRCIO, O QUE COSTUMA FAZER COM ELAS?

9. VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE ARTE?

Sim

Não

Se SIM, especifique:

Pintura Literatura de Cordel

Escultura Dança

Música Desafios de repentistas

Artesanato Outros

10. VOCÊ SE INTERESSA EM PARTICIPAR DE UMA OFICINA DE ARTE AMBIENTAL PARA TRANSFORMAR RESÍDUOS DO MERCADO E TORNÁ-LO MAIS LIMPO E AGRADÁVEL?

Sim

Não

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM OS USUÁRIOS DO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO.
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM USUÁRIOS DO MERCADO PÚBLICO DE CASA AMARELA

MESTRADO PROFISISONAL EM GESTÃO AMBIENTAL

ORIENTADORAS: Professoras Núbia Frutuoso e Rejane Rego

Mestranda Patrícia Arruda

APLICADO POR: _____

11. IDENTIFICAÇÃO:

IDADE	
-------	--

12. QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

13. HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ FREQUENTA ESTE MERCADO?

14. QUANTAS VEZES POR SEMANA VOCÊ COSTUMA VIR AO MERCADO?

15. VOCÊ SE INTERESSA POR INFORMAÇÕES SOBRE O MEIO AMBIENTE?

Sim

Não

Por que? _____

16. O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER COM O LIXO DA SUA CASA?

Coloco tudo na lixeira

Separo e coloco na lixeira

Separo e dou a alguém

Separo e vendo

Separo e reutilizo

Outros: _____

17. SE VOCÊ RESPONDEU QUE REUTILIZA AS SOBRAS DO SEU COMÉRCIO, O QUE COSTUMA FAZER COM ELAS?

18. VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE ARTE?

Sim

Não

Se SIM, especifique:

Pintura Literatura de Cordel

Escultura Dança

Música Desafios de repentistas

Artesanato Outros

19. POR QUE VOCÊ SE INTERESSOU EM PARTICIPAR DESSA OFICINA DE ARTE AMBIENTAL?

APÊNDICE C – Ata de presença da 1ª oficina “Abra o portão que a Arte é sua” no

Mercado Público de Casa Amarela Anexo II.

Primeira Oficina no Mercado de Casa Amarela - Participantes	Data 12/06/15	Hora : 11:00 às 12:00
Andréia da Silva Sobral Soares		
Jaqueline Rodrigues Cabral		
Elma Maria Jelli Pl		SOI
Mario do Carmo S. da Silva		
Shayene Patrícia Pereira de Oliveira		
Suzitania Perreira Rêgo		Box 21
Jose Borges da Paixão		ANM
Denise Fernandes Alves		
Gabriela Francisca do Nascimento		

Mercado Público de Casa Amarela Anexo II.

2ª Opiana 02/07/2015

Rubem Alves da Silva
Melua Betana da Silva

Casa Amarela - Anexo II, bem como solicitação para realizar a Oficina: “Abra o portão que a Arte é sua”.

(Minuta de texto para ofício)

ASSUNTO: Solicitação de autorização para realização de Oficina no Mercado Público de Casa Amarela

O Projeto Ação Interdisciplinar para Sustentabilidade de Mercados Públicos da Região Metropolitana do Recife-PE desenvolve uma metodologia interdisciplinar, envolvendo ações de Ensino, Pesquisa e Extensão, destacando-se o papel da educação ambiental, a fim de obter a melhoria da sustentabilidade nos mercados públicos.

As ações de pesquisa e extensão do Projeto Ação Interdisciplinar para Sustentabilidade de Mercados Públicos da Região Metropolitana do Recife-PE vêm sendo realizadas neste mercado desde 2012, realizando diagnósticos ambientais e entrevistas sobre percepção ambiental dos permissionários e consumidores. Destacamos a importância da administração local no sentido de possibilitar a integração com o público local e realização de oficinas temáticas sobre: coleta seletiva de resíduos e Política dos 3Rs, entre outros.

Neste contexto, solicitamos a parceria e participação de V. Sa no âmbito da realização de uma Oficina sobre: sustentabilidade e artes: “Oficina de Arte Ambiental” no anexo 1 deste mercado no dia 12/ 06/ 2015 às 1130 com a presença do grupo de pesquisa..

Desta forma, contamos com o apoio e participação da V.S As na realização desta oficina no Mercado Público de Casa Amarela.

Contando com o apoio de V.Sa. para realização desta ação.

Cordialmente, Prof^a Patrícia Arruda

